



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA EDUARDA BORGES BARBOSA

**EMPRESAS MILITARES E DE SEGURANÇA PRIVADAS E A CONDUTA DA
GUERRA CONTEMPORÂNEA: A UCRÂNIA COMO CASO DE GUERRA HÍBRIDA**

João Pessoa

2024

MARIA EDUARDA BORGES BARBOSA

**EMPRESAS MILITARES E DE SEGURANÇA PRIVADAS E A CONDUTA DA
GUERRA CONTEMPORÂNEA: A UCRÂNIA COMO CASO DE GUERRA HÍBRIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Relações
Internacionais da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito à obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Wagner
Teixeira Junior.

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B238e Barbosa, Maria Eduarda Borges.
Empresas Militares e de Segurança Privadas: a
Ucrânia como caso de Guerra Híbrida / Maria Eduarda
Borges Barbosa. - João Pessoa, 2024.
63 f. : il.

Orientação: Augusto Wagner Teixeira Junior.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Empresa Militar e de Segurança Privadas. 2.
Segurança Internacional. 3. Teoria da Guerra híbrida.
4. Mudança da conduta da guerra. I. Teixeira Junior,
Augusto Wagner. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

MARIA EDUARDA BORGES BARBOSA

**EMPRESAS MILITARES E DE SEGURANÇA PRIVADAS E A CONDUTA DA
GUERRA CONTEMPORÂNEA: A UCRÂNIA COMO CASO DE GUERRA HÍBRIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais do Centro
de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito parcial para obtenção do grau
de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovada em 26 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

AUGUSTO WAGNER MENEZES TEIXEIRA JÚNIOR

Data: 29/04/2024 10:31:42-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dr. Marcos Alan S. V. Ferreira
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Documento assinado digitalmente

FABIO RODRIGO FERREIRA NOBRE

Data: 30/04/2024 14:28:50-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Dedico esse trabalho a todos aqueles que nesta vida estiveram comigo nos momentos felizes e tristes. Sem cada um de vocês, minha vida, ou tão pouco esse trabalho seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao pensar em meus agradecimentos, sabia que uma das primeiras pessoas a ser citada seria meu pai. Ele, que apesar de não estar mais aqui, me ensinou desde pequena o valor da educação. Graças aos seus gentis cascudos e amorosos “ vá estudar viu minha filha” aprendi a amar e valorizar as oportunidades de estudos que me eram dadas. Sem nossas conversas e rezas enquanto víamos a lua em nossa varanda, também não teria aprendido a apreciar aqueles que estavam caminhando comigo nesta vida. A minha mãe agradeço por tudo. Apesar dos últimos anos, foi seu ensinamento e apoio nos meus estudos que também fizeram desse trabalho algo possível. Foi sua crença em um futuro melhor para mim que me fez perseverar e estudar com afinco. Foram nossas constantes conversas sobre a realidade vivida por você enquanto criança que me levaram a ter mais garra para estudar e apreciar tudo que me era oferecido. Com sua crença e apoio incondicional de que eu deveria me dedicar aos estudos, pude ter experiências únicas dentro da minha trajetória universitária. Assim, agradeço ao meu pai e minha mãe por terem sido os melhores pais que conseguiram ser diante de todas as circunstâncias. Sem vocês nenhuma das palavras aqui escritas seriam possíveis. E aos meus familiares que estiveram comigo nessa jornada, meu muito obrigada.

Aos meus amigos agradeço por tudo. A Débora agradeço por ter me mostrado a paixão de ler, por ter estado comigo nos momentos que mais precisei, por todos esses quase 20 anos de amizade e claramente por todos os surtos que passamos juntas. Sem sua amizade, sem nossos momentos dedicados a assistir filmes juntas nas férias, sem nossos momentos de estudos conjuntos na pandemia, sem nossos momentos de arenga, eu não seria a pessoa que sou hoje. Agradeço também a Hempel, por nossa amizade que surgiu em meio ao caos do terceiro ano e que continuou firme e forte durante esses 10 anos. Obrigada por nossas conversas aleatórias no Vascão, por todas as arengas e momentos dedicados a fofoca, foram esses momentos que tornaram não só meus primeiros anos de universitária mais felizes, como também tornou meus momentos mais difíceis muito mais leves. A Dayanne, agradeço por cada conversa que tivemos, por cada puxão de orelha e pelas maravilhosas playlists compartilhadas. Agradeço também por mesmo à distância, sempre estar próxima, sua amizade foi uma surpresa e foi uma das maiores felicidades encontradas por mim em meu primeiro ano de universidade. Obrigada por tudo. A Cinthya, agradeço por sua amizade, gentileza e apoio em toda a jornada desta universidade. Sem sua presença, meus dias teriam sido monótonos e sem graça. Obrigada pelas apresentações dedicadas a cada hiperfoco seu, pelas horas de

conversas que tivemos sobre algo que você amava e queria nos apresentar. Obrigada por compartilhar essa sua característica que me fez tão feliz em vários momentos. Agradeço por mesmo sabendo e vendo o caos que era minha vida, não ter largado de nossa amizade. Serei sempre eternamente grata por sua presença em minha vida.

Agradeço ao grupo dos invasores por terem salvado minha vida. Obrigado por não terem desistido de mim quando eu mesma já tinha desistido. Sem vocês, definitivamente esse trabalho não teria sido possível. Agradeço a Dona Lucineide e Seu Willy que me acolheram quando eu mais precisei. Agradeço a Dona Lucineide por ter me acolhido em sua casa e amado mesmo quando nem minha própria família o fez. Obrigada por seu amor e cuidado de mãe, por nossas conversas e conselhos, foram eles que me seguraram quando eu mais precisei. Agradeço a seu Willy por ter me protegido, aconselhado e amado como filha. Obrigada por tudo. Serei eternamente grata pela bondade e amor de ambos e espero um dia poder retribuir tudo que fizeram por mim até aqui.

Agradeço também a minha namorada por me aguentar ouvir falar sobre esse trabalho diversas vezes, por estar comigo nos momentos mais difíceis dos últimos anos e não desistir de tudo quando eu mesma já não tinha forças para lutar. Obrigada por estar comigo nesta vida, obrigada pelas arengas, “brigas” e pela paciência nos meus momentos mais caóticos. Claramente, não sabemos do futuro, mas espero poder estar ao seu lado para retribuir todo o amor e apoio que me deu. Agradeço também a toda família Freitas. A Dona Araci que apesar de suas crenças me acolheu em seu lar e me amou como uma neta. Foram nossas arengas, conversas e breves abraços que me seguraram quando eu estava nos momentos caóticos da escrita deste trabalho. Obrigada por me inserir em sua família e me fazer parte dela, sempre serei eternamente grata por todo seu amor. A Dona Jaqueline, agradeço pelo acolhimento e amor que me deu. Obrigada por me acolher como filha. Todo seu amor, conselhos e bolinhos (kkk) foram tudo que mais precisei quando estava sem direção. Um agradecimento especial ao Paulo Neto e Maria que tanto me amaram e incluíram em suas vidas e brincadeiras de criança. Sem as risadas ou mesmo o “Duarda” e o “Dudaa”, meu último ano não teria sido tão feliz quanto foi.

Agradeço ao meu orientador Augusto por ter me apoiado desde o início nas jornadas de pesquisas, sem seu apoio desde o 2º semestre essa pesquisa não teria saído nem do meu caderno de anotações. Obrigada por acreditar neste trabalho e por tudo. Ao Departamento de Relações Internacionais, agradeço pelos ensinamentos. Por fim, e não menos importante, agradeço a mim mesma por não ter desistido, por toda força tida até então e por ter permanecido resiliente apesar de todos os percalços.

“ A guerra nada mais é do que a continuação
da política por outros meios.”

Carl von Clausewitz

RESUMO

O trabalho aqui apresentado desenvolve uma análise acerca da mudança da conduta da guerra contemporânea dentro do ambiente da Segurança Internacional. Para isso, tem como parâmetro de exploração e estudo de caso o uso de Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) pela Rússia durante a anexação da Crimeia em 2014. O objetivo da pesquisa é compreender qual o papel desempenhado pelas PMSCs nas alterações apresentadas no cenário das guerras, para tal, a Teoria da Guerra Híbrida é utilizada como o elemento norteador e aporte teórico da discussão. A atuação de atores privados em conflitos remonta a 204-207 a.C. Todavia, é devido a conjuntura internacional apresentada com o fim da Guerra Fria que esses agentes emergem com caráter organizacional de entidade privada. Observando os desenvolvimentos apresentados no panorama das guerras contemporâneas, a Rússia iniciou nos anos 1990 o emprego das PMSCs como elemento irregular de sua estratégia híbrida de ação. Isso pois, as PMSCs vão possuir papel de primazia na condução das ações assimétricas da Rússia como amplificadores na sua projeção de poder. Além disso, esses atores privados serão utilizados de modo a facilitar o ajuste da governança e disposição geoestratégica da Ucrânia de acordo com as inclinações russas. Diante da robusta análise do estudo de caso, concluímos que as PMSCs contribuem para alargar as opções de uso da força nas relações internacionais, dado que permitem explorar a zona cinzenta que circunda a sua atuação para dispor da possibilidade de negação de seu emprego em conflitos e assim conseguir estender sua influência na Segurança Internacional e contornar as restrições impostas pelo Direito Internacional. A metodologia aplicada é o qualitativa com apoio em revisão de literatura especializada, uso de relatórios de Think Tanks como o *Center for Strategic and International Studies* (CSIS), *Institute for the Study of War* (ISW) e de documentos oficiais tal como a Estratégia Nacional de Segurança da Federação Russa de 2010 e 2014.

Palavras-chave: Empresa Militar e de Segurança Privadas; Segurança Internacional; Teoria da Guerra híbrida; Mudança da conduta da guerra.

ABSTRACT

The work presented here develops an analysis of the change in the conduct of contemporary war in the International Security environment. For this purpose, the use of Private Military and Security Companies (PMSCs) by Russia in the annexation of Crimea in 2014 is used as an exploration parameter and case study. The objective of the research is to understand the role played by PMSCs in the changes presented in the scenario of wars, to this end, the Hybrid War Theory is used as the guiding element and theoretical support of the discussion. The role of private actors in conflicts dates back to 204-207 BC. However, it is due to the international situation presented with the end of the Cold War that these agents emerge with the organizational character of a private entity. Observing the developments presented in the panorama of contemporary wars, Russia began to use PMSCs in the 1990s as an irregular element of its hybrid action strategy. This is because PMSCs will have a primary role in conducting Russia's asymmetric actions as amplifiers in its power projection. Furthermore, these private investors will be utilized in order to facilitate the adjustment of Ukraine's governance and geostrategic disposition in accordance with Russian inclinations. Given the robust analysis of the case study, we conclude that the PMSCs evaluated to expand the options for the use of force in international relations, given that they allow them to explore the gray zone that surrounds their actions to have the possibility of denying their use in conflicts and thus being able to expand its influence on International Security and circumvent the restrictions imposed by International Law. The methodology applied is qualitative, supported by a review of specialized literature, use of reports from Think Tanks such as the Center for Strategic and International Studies (CSIS), Institute for the Study of War (ISW) and official documents such as the National Strategy of the Russian Federation from 2010 and 2014.

Keywords: Private Military and Security Companies; International Security; Hybrid War Theory; Change in the conduct of War.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Espectro Operacional das Novas Guerras.....	19
Tabela 1 - Comparação entre Compound War e Guerra Híbrida.....	21
Figura 2 - Guerra híbrida visualizada como um “continuum of conflict”.....	22
Figura 3 - Tipologia das empresas e suas atividades.....	28
Figura 4 - Visão do Kremlin quanto a Projeção de poder da Rússia.....	34
Figura 5 - Crescimento do número de PMSCs atuando para Rússia	37
Figura 6 - Base da PMSCs Wagner Group	38
Figura 7 - Base da PMSCs Wagner Group próximo a 10ª Brigada de Missão Especial de GRU Spetsnaz.....	38
Figura 8 - Expansão da OTAN no entorno estratégico russo	42
Mapa 1 - Oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC).....	43
Mapa 2 - Localização das bases de Chukchi e Cape Schmidt.....	44
Mapa 3 - Deslocamento das tropas convencionais e irregulares russas.....	48
Figura 9 - Invasão dos Little Green Men na instalação do Parlamento em Simferopol.....	49
Figura 10 - PMSCs russas presentes e empregues na Ucrânia.....	50
Mapa 4 - Atuação das PMSCs em Debaltseve, Luhansk e Criméia.....	52
Mapa 5 - Zonas Tampão do acordo de Minsk I	53

LISTA DE ABREVIATURAS

4GW - Fourth Generation Warfare

BRA - Bougainville Revolutionary Army

BTC - Baku-Tbilisi-Ceyhan

GRU - Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye

CW - Compound Wars

ELP - Exército de Libertação Popular

EO - Executive Outcome

EUA - Estados Unidos da América

FSB - Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti Rossiyskoy Federatsii

GRU - Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye

NDS - National Defense Strategy

OI - Organização Internacional

ONG - Organização Não Governamentais

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PMC - Private Military Companies

PMSCS - Private Military and Security Companies

PSC - Private Security Companies

SI - Sandline International

Spetsnaz - Special Forces of the Main Directorate of the General Staff of the Russian Armed Forces

SVR - Sluzhba Vneshney Razvedki

UE - União Europeia

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	16
2.1 Metodologia de pesquisa.....	16
2.2 As novas guerras e a emergência da estratégia híbrida.....	16
2.3 A Teoria de Guerra Híbrida.....	19
3. ATORES IRREGULARES E AS EMPRESAS MILITARES E DE SEGURANÇA PRIVADAS (PMSCs).....	24
3.1 Mercenários: suas características e antecedentes.....	24
3.2 A emergência das Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs)	26
3.3 As Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) e seu escopo de emprego.	28
4. A ESTRATÉGIA DE DEFESA RUSSA: AS PMSCs COMO MEIO IRREGULAR HÍBRIDO.....	31
4.1 Os Pensamentos Políticos e Estratégicos Russos.....	31
4.2 A Estratégia de Defesa Nacional Russa.....	33
4.3 As PMSCs como meio irregular russo.....	35
5. ESTUDO DE CASO: GUERRA DA UCRÂNIA (2013 - 2015)	40
5.1 Contexto geopolítico e social russo.....	40
5.2 A Ucrânia e sua importância geoestratégica para a Rússia.....	44
5.3 A guerra da Ucrânia, PMSCs e a atuação híbrida russa: uma estratégia de projeção de poder ímpar.....	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
7. REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso em questão analisa as mudanças da conduta da guerra contemporânea por meio da observação da emergência das Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) no panorama da Segurança Internacional. Para realizar uma melhor inferência sobre a temática, utilizamos o estudo de caso da Guerra da Ucrânia para anexação da Crimeia (2013 - 2015). Desde o início do conflito, a conduta russa foi marcada por uma operacionalização estratégica militar realizada por meio do emprego conjunto de meios convencionais e irregulares (Bandeira, 2016). Somado a isso, observou-se em meio ao desenrolar da guerra o uso das PMSCs como principal ator irregular dentro da estratégia híbrida de combate russa (Clark, 2020). Diante desse complexo debate que circunda a temática, usamos a Teoria da Guerra Híbrida como elemento norteador e aporte teórico da discussão.

Para Clausewitz (2010) cada período histórico desenvolve sua própria concepção de guerra. Isto pois, de acordo com o autor, a natureza das guerras são elementos imutáveis enquanto suas características e condutas vivem em constantes transformações. Por isso, ao analisar a conjuntura das guerras contemporâneas notamos, primordialmente após o fim da Guerra Fria, mudanças significativas no ambiente internacional. Com o advento da globalização e expansão das tecnologias militares de ponta, surgiram novas formas de conflito. Isso, juntamente com a conjuntura econômica neoliberal, consequente do fim da bipolaridade do ambiente internacional, proporcionou elementos primordiais para a emergência de novos atores irregulares e meios de guerra (Kaldor, 2005). O vazio de poder marcou esse período de forma tão evidente que levou os Estados, principalmente as antigas colônias, a utilizarem meios militares privados.

A partir disso, elevou-se o emprego de meios irregulares dentro de estratégias de ações multimodais. A teorização acerca dessa nova conjuntura é ampla. Noções como as de gerações de guerras (1º, 2º, 3º e 4º geração), são essenciais como lentes de análise para o entendimento das características dos novos conflitos. Tendo em vista a expansão desses pensamentos, teorias como as *Compound Wars* que consideram o emprego de meios convencionais e irregulares (Fridman, 2017) são primordiais. Assim, é a partir dessas modificações de teorias que emerge a Estratégia Híbrida. De acordo com Hoffman (2017), essa estratégia utiliza ao mesmo tempo táticas e meios convencionais e irregulares. Além disso, o autor destaca que os atores híbridos exploram as tecnologias modernas para valer-se dos ambientes táticos e operacionais de um conflito e assim obter vitórias mais decisivas.

Devido a isso, uma atuação híbrida, através de seus meios irregulares, tais quais as PMSCs, consegue dispor da zona cinzenta de um conflito (Hoffman, 2017). Tendo em consideração tais fatores, compreende-se como uma das principais singularidades dos agentes irregulares que empregam uma estratégia híbrida é o seu caráter diversivo capaz de gerar uma assimetria de forças que possibilita uma demora na pronta resposta de um possível adversário. Assim, diante de tais vantagens, nota-se os motivos de um Estado, tal qual o russo, em utilizar uma estratégia híbrida em combate tendo os atores tais quais as PMSCs, como principais elementos irregulares.

Apesar de seu papel de destaque nos conflitos contemporâneos, o emprego de soldados privados como recurso de combate de Estados não é um elemento novo dentro da segurança internacional. Sua presença nos antigos exércitos remonta ao século II a.C. Esses agentes, denominados primordialmente de mercenários, foram amplamente utilizados pelos antigos exércitos como forças auxiliares ou mesmo como parte componente de seus exércitos convencionais (Bruyère-Ostells, 2012). Os mercenários, por serem adaptáveis, obtiveram um papel ativo na composição dos exércitos nacionais até o século XV. Porém, foi com a Revolução Francesa, a criação dos chamados exércitos-cidadãos e a adoção dos tratados assinados pela Convenção de Genebra, que tornou seu emprego ilegal dentro Direito Internacional (Bruyère-Ostells, 2012). Apesar disso, esses soldados ajustaram suas atuações de acordo com os períodos e contextos ao qual estavam inseridos, o que permitiu sua presença, expansão e evolução de acordo com a conjuntura vivida. Com isso, tendo em vista o cenário internacional pós Guerra Fria, marcado por conflitos territoriais, vazio de poder e surgimento de uma economia neoliberal, tais agentes reforçam sua atuação e organizam-se a partir de estruturas de instituições privadas.

As Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) são entidades que fornecem serviços militares e/ou de segurança (The Montreux Document, 2009), em que entre suas funções estão: o suporte operacional, policiamento, treinamento militar e de peacekeeping, interdição, segurança internacional, prevenção de crimes, etc. Somado a isso, as PMSCs podem ser contratadas por Estados, Organizações Internacionais (OIGs), Organizações Não Governamentais (ONGs) e civis. Ao adentrarem em um ambiente de um efetivo confronto, essas empresas conseguem fornecer serviços militares, de segurança e apoio de artilharia fundamentais para forças convencionais (Avant, 2022). Assim, os tornando recursos interessantes a serem utilizados dentro de conflitos com características híbridas. Com a emergência das PMSCs, em conjunto com as características das novas guerras, observou-se

uma elevada combinação de plano operacional e tático entre esses empreendimentos privados e os exércitos nacionais.

Com sua capacidade de atuar nas diversas esferas da segurança internacional - que vai desde o monitoramento convencional de sites até sua possível participação direta nos confrontos - as empresas privadas revelaram aos domínios militares e estratégicos novos agentes e novas ameaças que afetam de forma direta ou indireta o comportamento e encaminhamento das guerras e das condutas das relações de segurança. Isso visto que sua inserção apresentou a contemporaneidade um novo modo de encarar o delineamento estratégico e o engajamento militar dos atores internacionais. Assim, a demanda pelos serviços das PMSCs reflete como o percurso das mudanças advindas desde o fim da Guerra Fria modificaram a cadeia operacional do sistema militar e estratégico dos Estados.

Observando tais características, países como Inglaterra, Rússia e EUA empregam esses agentes irregulares como forma de alcançarem seus objetivos políticos e econômicos sem estarem efetivamente envolvidos em conflitos. A Rússia, assim como a Inglaterra, é um dos países que mais utilizam PMSCs como meio de projeção de poder (Avant, 2022). Especificamente, a ligação da Rússia com soldados privados remonta ao século XVII com o uso do Grupo Cossaco como representante e defensor de sua expansão territorial. Ao longo dos anos, a Federação Russa elevou gradativamente o emprego de agentes privados em seus conflitos. Somado a isso, com o pensamento político e estratégico presente no país, principalmente aquele propagado pela Doutrina Gerasimov, expandiu-se também a noção de emprego de meios regulares e irregulares como forma estratégica de conflito. Apesar disso, é com a Guerra da Ucrânia (2013 - 2015) que nota-se uma visível participação de atores irregulares como as PMSCs em meio ao combate. Com o decorrer do conflito, elevou-se o debate acerca do poder desses atores em auxiliar e alterar a conduta das guerras contemporâneas.

A Ucrânia é uma região estrategicamente importante para a Rússia. O país se localiza em um ponto essencial que liga alguns locais ao mar negro e aos estreitos de Dardanelos e Bósforo. Assim, a importância estratégica do local para a Rússia está na conexão entre suas fronteiras, na possibilidade de acesso aos mares de águas quentes e em sua perspectiva de ser utilizada como rota para os gasodutos russos (Freedman, 2019). Tendo em vista a aproximação da OTAN do seu entorno estratégico, já em 2012, e por considerar tal ação uma ameaça, ocorre um acirramento das hostilidades entre a Rússia e a Ucrânia em 2013 (The Russian Federation, 2014). Diante de seu entendimento de meios irregulares híbridos como o

futuro das guerras e considerando a evidente necessidade de proteger seu entorno estratégico, a Rússia iniciou o uso de meios irregulares híbridos através das PMSCs no conflito.

Diante do exposto, e considerando que o presente trabalho é um desenvolvimento do projeto de pesquisa “Empresas Militares e de Segurança Privadas e a conduta da guerra contemporânea: a Ucrânia como caso de Guerra Híbrida”, que objetivou entender o fenômeno da emergência das PMSCs e as mudanças na conduta da guerra, pretende-se responder seguinte a pergunta de pesquisa: “De que forma as Empresas Militares Privadas (PMSCs) alteraram a conduta da Guerra da Ucrânia (2013-2015)?” Para uma melhor inferência, o trabalho será dividido em 4 capítulos. O primeiro abordará os processos metodológicos e realizará uma conceituação acerca da Teoria da Guerra Híbrida. Além disso, de modo a trazer uma exploração mais robusta, será visto quais os antecedentes que possibilitaram a emergência da discussão acerca dessa teoria. Já o segundo capítulo discutirá o surgimento dos agentes militares privados dentro da segurança internacional e como sua capacidade de adaptabilidade tornaram esses soldados e suas empresas indispensáveis nas guerras contemporâneas. No capítulo seguinte, será visto o pensamento estratégico russo e como a estratégia híbrida está inserida nas suas atuações contemporâneas. Por fim, será realizada uma análise empírica acerca do emprego das PMSCs por parte da Rússia como meio irregular híbrido dentro do estudo de caso da Guerra da Ucrânia.

2. APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1 Metodologia de pesquisa

Segundo Frank Hoffmann (2007) uma boa análise deve conter em si um elemento descritivo que através da empiria explique os fenômenos históricos passados e presentes. Mediante um enfoque qualitativo, o trabalho aqui apresentado busca realizar inferências descritivas e exploratórias por meio do entendimento dos elementos característicos e históricos no uso das Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) dentro do cenário da segurança internacional. Para se ter uma melhor delimitação temporal utiliza-se como estudo de caso os acontecimentos da Guerra da Ucrânia, especificamente os anos 2013 a 2015. O trabalho pretende abarcar não só os momentos de conflito, como também empenha-se em compreender os fatores antecedentes e motivadores que conduziram à anexação da Crimeia por parte da Rússia. Para se obter uma robusta conexão entre metodologia e teoria, a análise será realizada à luz do aporte teórico sobre Guerras Híbridas. Assim, o capítulo aqui apresentado tem por objetivo primeiramente abordar as metodologias de pesquisa utilizadas para em seguida partir para uma robusta apreciação quanto à teórica utilizada.

Diante de seu caráter qualitativo e considerando o estudo de caso escolhido, os procedimentos de pesquisa foram divididos em quatro partes distintas e complementares: revisão da literatura especializada acerca da evolução das características da conduta da guerra contemporânea quanto a Teoria da Guerra Híbrida; investigação quanto ao entendimento da atuação das Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) nos conflitos contemporâneos; análise quanto a influência das escolas de pensamento político russo e em como influenciaram na elaboração dos documentos oficiais das Estratégias de Segurança Russa; estudo comparativo sobre as Doutrinas Russas e como os atores irregulares são observados na última doutrina lançada; por fim, levantamento dos acontecimentos geopolíticos da Guerra da Ucrânia; observação da atuação híbrida das PMSCs no conflito. A análise e entendimento sobre tais elementos de estudo foram necessários, uma vez que possibilitaram uma melhor compreensão sobre o debate envolvendo o estudo de caso e os outros objetos de pesquisa como as PMSCs e a Teoria da Guerra Híbrida.

2.2 As novas guerras e a emergência da estratégia híbrida

Em razão das mudanças projetadas no sistema internacional com o fim da Guerra Fria, e por conseguinte do seu modelo geopolítico bipolar, as conjunturas dos conflitos e suas

formas de conduta também foram alteradas. Segundo o autor Carl Von Clausewitz (2007) cada período histórico possui sua concepção de guerra. Apesar de o fenômeno da guerra se apresentar a partir de características imutáveis, seus ambientes operacionais e meios de emprego vivem em constante evolução, uma vez que o progresso tecnológico se torna um vetor de transformação militar ao longo dos anos. Em consequência desse ambiente internacional cada vez mais globalizado e multipolar se eleva o emprego de estratégias de ação multimodal. É exatamente por causa disso e da irradiação das tecnologias militares que a ideia e uso conjunto de meios de guerra regular e irregular se tornou cada vez mais evidente. Diante disso, teorias como as de Guerras de Quarta Geração, *Compound Wars* (CW) e Guerras Híbridas, surgem para analisar e interpretar a realidade bélica dessa nova conjuntura. Por isso, para melhor compreender o caráter evolutivo da conduta de uma Guerra Híbrida, esse capítulo analisará os antecedentes que nos conduziram até a conceituação sobre as novas guerras.

De acordo com Mary Kaldor (2005), os novos conflitos devem ser compreendidos mediante o processo de globalização, principalmente, tendo em vista as mudanças informacionais e tecnológicas dos anos 1980 a 1990. Assim, a desintegração dos impérios, os excedentes de armamentos e a descrença nos sistemas socialistas, foram primordiais para a emergência e pensamento sobre a temática (Kaldor, 2005). O fim da Guerra Fria representou para a segurança internacional um momento de transição, um cenário de vazio de poder e de busca pela evolução tecnológica e informacional. Como resultado destas circunstâncias e do advento da globalização, se observou uma crescente interconexão nas relações entre os Estados, e conseqüentemente, uma ampliação dos custos e repercussões associados aos confrontos. Diante disso, o ambiente se tornou ideal para o surgimento de novos meios de combate e seus atores.

Ao analisarmos o contexto estratégico das guerras, vemos a teorização sobre a temática considerar os conflitos em termos de: (1) primeira; (2) segunda, (3) terceira e (4) quarta geração. De acordo com tais noções, a primeira geração foi moldada por táticas que exigiam um deslocamento em massa de seus combatentes¹. Como forma de solucionar o elevado custo característico das guerras, a segunda geração foi demarcada por uma evolução gradual na utilização do poder de fogo através de uma artilharia indireta² (Fridman, 2017). Já a guerra de terceira geração teve por fundamentação a utilização de velocidade de deslocamento (guerra de movimento) e uma maior preocupação com o elemento psicológico e

¹ Exemplo de Guerra de 1º Geração: Guerras Napoleônicas.

² Exemplo de Guerra de 2º Geração: Guerra Civil dos EUA.

físico.³ Por conseguinte a isso, um conflito de quarta geração (4GW)⁴ é caracterizado pelo emprego de todos os meios disponíveis, ou seja, econômico, social, político e militar⁵. De acordo com os autores dessa teorização, as guerras contemporâneas como a 4GW possuem um aspecto disperso, com uma indefinição do conflito (área cinzenta), uma perda do monopólio do Estado e uma emergência de forças insurgentes. Assim sendo, é perceptível como a evolução dessas teorias e o emprego de meios de combate foram um resultado das modificações políticas, sociais e tecnológicas ocorridas ao longo do tempo (Fridman, 2017).

Considerando isso e a emergência da concepção de guerra irregular (Williamson, 2009), os estrategistas e teóricos militares passaram a conceber abordagens de combate que integrassem múltiplos modos de operação. Objetivando uma redução de custos e uma transposição de fronteiras, esses estrategistas criaram complexos estratégicos inovadores. Entre os principais autores desse novo ambiente, estão os coronéis chineses Wang Xiangsui e Qiao Liang. Ambos faziam parte da Força Aérea do Exército de Libertação do Povo Chinês (ELP) e delinearam uma concepção estratégica de Guerra Irrestrita, ou "guerra combinada modificada", que era caracterizada pela conjunção de múltiplos elementos no campo de batalha visando à obtenção da vitória decisiva (Fridman, 2017). Os coronéis observaram que a integração da globalização com a tecnologia permitia cada vez mais a realização de combinações de meios, modos e domínios de guerra de forma sincronizada e simultânea. Além disso, em sua obra intitulada "Guerra Irrestrita", os autores ressaltaram, já em 1999, a importância de considerar atores – tais como mercenários e organizações não estatais – como adversários significativos dentro dos novos conflitos.

As teorizações acerca dessa temática, não é algo novo. Para alguns autores, por exemplo, a própria noção de guerra híbrida remonta ao século V a.C, com a Guerra do Peloponeso (Murray *et al*, 2012). Assim, vale salientar que um dos elementos primordiais das teorias que surgiram no pós-Guerra Fria é a noção de utilização da assimetria (espaço, meio, atores) em conjunto com as novas formas de tecnologia como meios amplificadores de poder (Marcuzzi, 2018). Fora isso, é nessas conceituações que notamos um maior papel de destaque dos atores irregulares, tais como terroristas, forças paramilitares e mercenários, dentro da condução dessas guerras. Portanto, observa-se que novas teorias como de Guerras de quarta geração (4GW), *Compound Wars* (CW) e de Guerra Híbrida possuem seu lugar de relevância na análise dos conflitos contemporâneos à medida que os Estados recorrem cada vez mais a

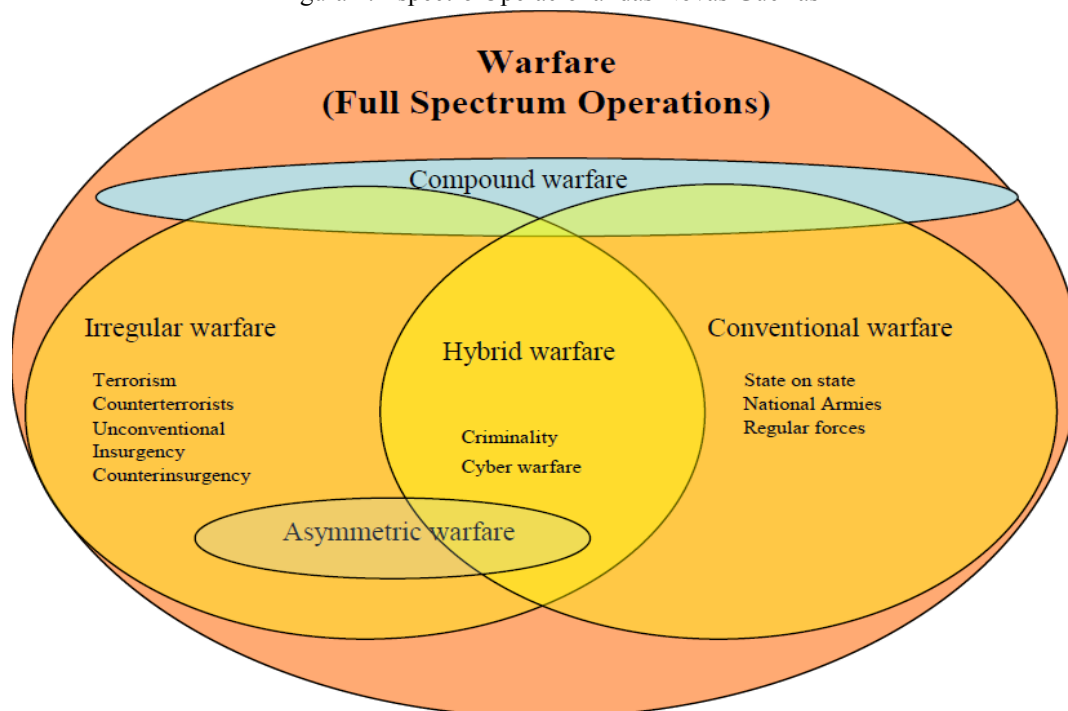
³ Exemplo de Guerra de 3º Geração: II Guerra Mundial.

⁴ Abreviação do termo em inglês: *Fourth Generation Warfare*.

⁵ Exemplo de Guerra de 4º Geração: Guerra do Afeganistão de 2001.

meios irregulares e novas tecnologias para obter uma vitória decisiva ao mesmo tempo que evitam combates diretos (Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2015).

Figura 1: Espectro Operacional das Novas Guerras



Fonte: Huovinen, 2011.

2.3 A Teoria de Guerra Híbrida

Dentro do exposto e das novas conceituações de guerra, primordialmente, para o estudo aqui apresentado iremos utilizar a Teoria da Guerra Híbrida como lente de análise. Para uma melhor exploração do estudo de caso e por compreendermos a complexidade apresentada na conceituação, iremos considerá-la como uma estratégia de atuação. A guerra híbrida é uma estratégia de combate que emprega simultaneamente táticas e armas convencionais e irregulares (Hoffman, 2007). Devido ao seu robusto caráter de emprego capaz de reduzir a prontidão de resposta do adversário e por conseguinte levar a vantagens significativas para uma vitória mais decisiva, observamos já a partir de 2005 um aumento no debate e uso das estratégias híbridas nos contextos dos conflitos modernos. Tal fator é evidenciado principalmente ao analisarmos os documentos de Estratégia Nacional de Defesa (NDS)⁶ dos Estados Unidos de 2005, nas publicações liberadas em 2013 pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e no documento de Defesa da Federação Russa de 2014

⁶ Abreviação do termo em inglês: *National Defense Strategy*.

que reconhece a conduta híbrida como sendo o futuro da guerra (Bugayova, 2020). Assim sendo, e principalmente por causa das declarações russas antes e durante a Guerra da Ucrânia (2013 - 2015), nota-se a essencialidade dessa conceituação estratégica para o estudo do conflito.

O entendimento contemporâneo⁷ sobre o que seja uma estratégia de conflito híbrido tem como um dos seus precursores conceituais a *Compound War* (CW) e como um de seus principais teóricos o coronel da marinha americana, Frank G. Hoffmann. Por isso, antes de realizarmos sua definição, se faz necessário um melhor entendimento sobre o que seja uma *Compound War* e quais suas semelhanças e diferenças em relação a uma estratégia híbrida. Uma CW é caracterizada pelo emprego simultâneo de forças regulares e irregulares de forma diversiva, em que sua vantagem estratégica está versada em sua capacidade de conduzir o seu oponente a uma dispersão forçada. Além disso, explora as vantagens de suas forças através da utilização dos meios irregulares para economia de custos (Hoffman, 2009). Apesar de um comando único, a CW utiliza os meios irregulares como apoio às forças convencionais, ou seja, esses recursos têm o intuito de criar as condições das vitórias convencionais. Vale salientar ainda que em uma *Compound War*, as forças irregulares não são empregues no mesmo teatro de operações ou de forma simultânea com as forças convencionais. Isto é, ambas combatem com um mesmo propósito, mas em ambientes de confronto diferentes. Com isso, uma das principais lacunas desta estratégia é o fato de que suas forças podem ser derrotadas quando o adversário domina suas principais capacidades e em seguida suprime as suas forças irregulares (Huber, 2002).

A vista disso, a guerra híbrida é caracterizada por também possibilitar uma condução do conflito por atores estatais e não estatais. Do mesmo modo que uma *Compound War*, uma estratégia híbrida usa de meios e atores irregulares - tais quais insurgentes, terroristas e atores privados como as Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCS) - como modo de negar e reduzir os custos de atuação. Porém, ao contrário da CW, uma ação híbrida, permite uma cooperação e ação conjunta entre os meios regulares e irregulares, assim, gerando um maior grau de assimilação entre seus fatores táticos e estratégicos. Tal aspecto faz com que seus atores possam se ajustar de acordo com o decorrer da guerra. Isto é, com uma atuação conjunta as forças irregulares, por exemplo, podem em um momento ser apoio para as forças convencionais e em seguida ter um papel como força central em um ambiente de ataque.

⁷ Como visto nas partes iniciais, para alguns autores a Guerra Híbrida não é uma concepção nova. Assim, como modo de reconhecer essa diferenciação entre as visões, a análise realizada terá como base a teorização contemporânea desta teoria.

Como exemplo disso temos as forças regulares e irregulares russas utilizadas para a anexação da Crimeia em 2014 (tal situação será melhor abordada nos capítulos seguintes). Com isso, não existem forças separadas e por isso não há uma noção de que os meios convencionais sejam mais decisivos do que os irregulares (Fridman, 2017).

Tabela 1: Comparação entre Compound War e Guerra Híbrida

Compound War	Guerra Híbrida
Uso de atores regulares e irregulares	Uso de atores regulares e irregulares
Atores irregulares utilizados como meio de redução de custos	Atores irregulares utilizados como meio de negação de atuação e redução de custos
Atores irregulares utilizados como apoio às forças convencionais. Destaque dado apenas às forças convencionais.	Atores irregulares utilizados de forma conjunta e por vezes tendo papel de destaque no conflito.
Emprego de forças em teatros de operações diferentes.	Emprego de forças de forma conjunta e simultânea.
Devido ao emprego de forças em ambientes separados, possibilita que adversário ataque sua frente principal (forças convencionais) e em seguida suas forças irregulares.	Gera um ambiente cinzento do qual dificulta a pronta resposta do adversário e por conseguinte sua vitória.

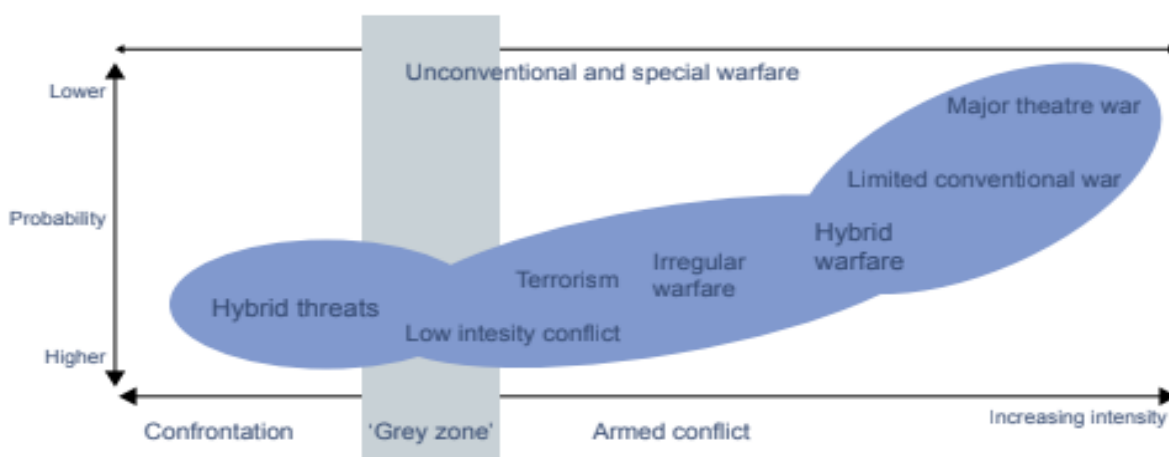
Fonte: De autoria própria, 2024.

Uma estratégia híbrida se utiliza de meios tecnológicos avançados para obter um sucesso decisivo. Devido a isso, a noção de poder não consiste apenas no uso de infantaria, armas, artilharia, aeronaves, mas também da interação com operações psicológicas, assuntos civis e inteligência (Williamson, 2009). Por isso, ela é capaz de viabilizar o uso de inúmeros meios de atuação assimétricos como coerção e controle informacional. A guerra híbrida com sua essência adaptativa que usa ações simétricas e assimétricas consegue atingir todos os níveis de um conflito, indo desde o estratégico, operacional ao tático. Podemos notar assim que é uma estratégia marcada por ter uma letalidade característica de um conflito Estatal com

um fervor e extensão de uma guerra irregular ao mesmo tempo que os seus agentes irão valer-se do acesso às capacidades militares modernas.

Um conflito de características híbridas gera no ambiente estratégico e militar uma zona cinzenta. Isso porque com seu emprego diversivo, promove um terreno de atuação complexo e turvo, em que faz com que os combatentes não saibam como responder aos diversos meios utilizados. Tal concepção foi atestada principalmente dentro do relatório do *Army's Training and Doctrine Command* (TRADOC) dos Estados Unidos sobre as novas operações de guerra, em que nele dizem “ [...] estratégias híbridas tiram vantagem de uma gama de capacidades que nos negam uma luta convencional de força contra força, a menos que a situação seja vantajosa para o adversário.” (TRADOC, 2019, p.20, tradução nossa). Assim, torna indistinto o entendimento acerca da linha entre paz e guerra. Essa estratégia de ação dificulta a identificação do limiar quanto ao que seja uma guerra tradicional, uma vez que o conflito se “torna turvo à medida que será mais difícil de operacionalizá-lo” (Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2015, p.34, tradução nossa).

Figura 2: Guerra híbrida visualizada como um “continuum of conflict”



Fonte: MCDC, 2019.

A ambiguidade da atribuição da atuação do ataque híbrido, torna o ambiente ainda mais obscuro. Um agressor híbrido tira vantagem de tais fatores para retirar a capacidade do seu adversário de revidar de forma decisiva (Shandra; Seeley, 2018). Dentro desse tipo de ação, são explorados também os elementos políticos, econômicos e sociais do adversário. Por

isso, ao analisá-la, conseguimos observar um constante emprego de campanhas de desinformação e ataques cibernéticos como meios de respaldo das atuações híbridas em um conflito. Isto pois, essa estratégia considera o apoio da sociedade a um Estado como um elemento importante para desviar a atenção de seu adversário e assim obter um atraso de sua pronta resposta (Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2015). É por meio do apoio da sociedade que um Estado tem a reafirmação da sua legitimidade e dos seus motivos de conflitos. Assim, com o uso conjunto dos meios regulares e irregulares, uma atuação híbrida permite um aproveitamento mais elevado das pressões e forças no confronto e por conseguinte uma vitória decisiva.

Diante do exposto, destacamos que a utilização de meios e teorias que abarquem a evolução das características e condutas das guerras contemporâneas, não colocarão fim aos meios de ação tradicional. Porém, em nossa análise constatamos que é através desse novo ambiente conjuntural da segurança internacional que o componente irregular está cada vez mais obtendo um papel operacional decisivo nos novos conflitos. Podemos observar isso principalmente no estudo de caso aqui abordado, em que atores irregulares como as PMSCs tiveram papel primordial em batalhas decisivas. Por fim, salientamos que a Guerra Híbrida com sua combinação de meios e atores convencionais e irregulares em conjunto com as tecnologias, estrutura um ambiente cinzento e emerge no ambiente da segurança internacional como uma estratégia de conduta cada vez mais robusta e de difícil combate.

3. ATORES IRREGULARES E AS EMPRESAS MILITARES E DE SEGURANÇA PRIVADAS (PMSCs)

Como visto no capítulo anterior, o ambiente internacional do pós Guerra Fria viabilizou as mudanças nas características e conduta das guerras contemporâneas, em que é neste cenário que emergem as Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs). Tais atores vão surgir principalmente porque o caráter do emprego estratégico militar dos novos conflitos, como os apresentados em Guerras Híbridas, concederam um maior papel de atuação para as forças irregulares. Porém, vale salientar que ao analisarmos a história da segurança internacional, observamos que o fenômeno do uso de agentes privados como constituintes de exércitos é um fenômeno antigo. O que nos leva aos seguintes questionamentos: Mas o que levou ao ressurgimento desses atores? O que fez das PMSCs ter um caráter de antigo agente com novas capacidades de ameaça? Para responder tais perguntas, as seções a seguir se propõem a explorar o caráter evolutivo desses atores irregulares, os elementos que os tornaram agentes de grande impacto para os conflitos contemporâneos e os fatores que os conectam a uma estratégia de guerra híbrida.

3.1 Mercenários: suas características e antecedentes

O uso de atores privados por Estados no âmbito da segurança internacional não é algo novo. O contrato desses atores, intitulados primordialmente de mercenários, tem origem já nos anos 204-207 a.C com o exército de Ur (McFate, 2014). Ao longo da história, tais combatentes marcaram grande parte da defesa nacional e internacional de diversas nações. Porém, essa conjuntura foi se modificando de forma gradual entre os séculos XVI a XX através do surgimento do sistema de Westfália e por conseguinte da consolidação do monopólio do poder pelos Estados que tornou o emprego de soldados privados algo condenável. O monopólio do uso da violência pelo Estado é algo tão recente quanto a sua formação, isto pois, “o domínio da violência pelo setor privado era um aspecto rotineiro das relações internacionais antes do século XX.” (Singer, 2003, p. 19, tradução nossa). Com isso, nota-se que antes de terem sua atuação vista como ilegal, os mercenários eram os principais integrantes e combatentes das antigas guerras.

Os antigos exércitos eram integrados tanto por cidadãos quanto por soldados contratados. Por causa disso, conseguimos observar dentro da Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), o batalhão do império cartaginês sendo grandemente formado por mercenários

(McFate, 2014). A importância das forças empregues por soldados privados era tanta que na Segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.), devido à sua dependência, o poderio de Cartago foi sucumbido pelo exército romano. Isso ocorreu, uma vez que, ao longo do conflito, Cartago se viu impossibilitado de arcar com seus soldados privados, resultando assim em uma deserção em massa (McFate, 2014). Desse modo, isso mostra não apenas o papel essencial dos mercenários como também sua legitimidade no ambiente de conflito da época.

Em nossa análise notamos uma presença constante desses soldados privados no sistema de segurança das nações. Todavia, destacamos a importância da compreensão de que apesar de sua permanente existência, os mercenários alteraram sua atuação de acordo com o período e contexto inseridos. Por causa disso, conseguimos notar que após um momento de declínio de seu emprego, observou-se uma reemergência desses agentes no sistema feudal, uma vez que os mercenários podiam integrar os exércitos medievais (McFate, 2014). É nesse cenário de prosperidade econômica que surge o sistema de contrato militar formalizado (*condotta*), que foi amplamente promovido pelos comerciantes e proprietários de terra como meio de manter a mão de obra em suas atividades produtivas. Por temer a posse de armas pela população, a nobreza impulsionou ainda mais o uso de soldados privados nos conflitos armados da época (McFate, 2014). A partir disso, grande parte dos exércitos do século XIII a XIV foram estruturados primordialmente por mercenários. A ascensão dos agentes privados, juntamente com a instabilidade resultante das frequentes guerras, desenvolveu um propício ambiente para a descentralização de poder e por conseguinte uma proliferação e emergência de “empresas”⁸ fornecedoras de soldados privados.

Segundo McFate (2014), grande parte do curso da Guerra dos Cem Anos (1337 - 1453) foi moldada pela atuação dessas “empresas”. Em virtude disso, regiões como a Itália, presenciaram uma implementação de diversas “empresas” estrangeiras em seu território, o que por sua vez conduziu a nobreza a criar suas próprias estruturas privadas com o propósito de nacionalizar as ações e operacionalizações dos mercenários italianos. Devido ao surgimento desses empresários especializados no recrutamento de unidades militares para “aluguel”, os conflitos do século XVI se tornaram uma das maiores indústrias de algumas partes da Europa. Como exemplo disso, temos o exército privado de Albrecht von Wallenstein, que com suas unidades militares privadas conquistou partes de regiões da Alemanha e República Checa. Com isso, se tornando “a maior e mais bem organizada empresa privada vista na Europa antes do século XX” (McFate, 2014, p. 32, tradução nossa). Apesar de serem vistas como entidades empresariais, a compreensão e conceituação

⁸ Essas “empresas” eram estruturadas de acordo com a conjuntura econômica e social da época.

contemporânea do que sejam Empresas Militares Privadas enfatizam uma diferenciação significativa entre estas e as que surgiram antes do século XX⁹.

Como já visto, será apenas com o fim da Guerra dos Trinta Anos (1618 - 1648) e com a instauração da paz de Westfália que esses agentes privados irão perder seu papel de essencialidade nos conflitos. Diante de uma maior valorização do sentimento de nacionalismo como meio de preservar o poderio estatal, os cidadãos estavam cada vez mais inclinados a lutar por suas nações e assim dispostos a formarem suas próprias forças convencionais. Dessa forma, para garantir o monopólio legítimo da violência pelo Estado, os mercenários e suas atividades foram consideradas como ilegais na I Convenção de Genebra, que constituiu o Artigo 47 como base jurídica contra a sua atuação (Foley; Kaunert, 2022). Mesmo com esse respaldo legal e como todo e qualquer cenário apresentado nos séculos anteriores, a preponderância do poderio convencional se mostrou efêmera. Por isso, vemos mais uma vez o ressurgimento desses soldados privados em conflitos como a batalha de Waterloo, a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas (McFate, 2014).

Isto posto, é notável a atuação adaptativa dos mercenários. Ao longo dos séculos, tais atores demonstraram grandemente sua capacidade de resiliência e competência na modulação e ajuste de suas atividades de acordo com as mudanças e evoluções no âmbito político, econômico e social. Tais fatores concederam a esses agentes uma maior resistência às tentativas estatais de findar suas atividades. Tendo isso em vista, é com tais características e diante da globalização, vazio de poder e emergência do sistema econômico neoliberal da década de 1980, proporcionado pelo fim da Guerra Fria, que tais atores ampliam seu escopo de ação e apresentam uma estrutura mais corporativa. Assim, criando as Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs).

3.2 A emergência das Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs)

O desenvolvimento do mercado privado de segurança foi orientado a partir da transição apresentada pela dissolução da ordem bipolar comandada pela União Soviética e Estados Unidos, que permitiu um vazio de poder do qual conduziu a uma instabilidade e emergência de conflitos. A partir de um sistema econômico neoliberal, as relações internacionais, antes marcadas pela ordem e domínio territorial, empenharam-se em manter um maior controle do mercado nascente (Duffield; Donini, 2014). Com o rompimento do poder dessas superpotências, os Estados coloniais dependentes do apoio externo, eclodiram.

⁹ O assunto será aprofundado a seguir.

Com isso, o colapso dos pilares do poder estatal para a reordenação desses Estados conduziu a uma proliferação de conflitos internos e fronteiriços (Duffield; Donini, 2014). Somado a isso, as novas guerras alicerçadas pela desregulamentação do mercado e diminuição do poderio do Estado, permitiram a criação de redes globais e locais e economias paralelas como meio de operacionalização e auto-aprovisionamento dos conflitos (Duffield; Donini, 2014).

Sendo assim, é nessa conjuntura que percebemos uma crescente participação de Empresas Militares Privadas nos conflitos. Tal fato transcorreu em 1979 com o fenômeno da privatização global, da qual teve como um dos seus principais agentes o governo britânico de Margaret Thatcher e seguida por diversos outros países (Singer, 2003). Isso ocorreu, pois: como um Estado colonizado e economicamente dependente, conseguiria consolidar seu monopólio de poder e território, sem recorrer ao emprego de Empresas Militares Privadas? Como os Estados manteriam o acesso a tecnologias militares de ponta em meio a instabilidade, senão através do uso de meios irregulares privados? Logo, com o amplo fornecimento de treinamento, armas e poder de fogo altamente tecnológicos, as PMSCs se tornaram o artifício mais adequado do qual o contexto vivido na época necessitava.

Assim, é nos anos 1990 que vemos, por exemplo, o emprego das empresas militares privadas sul-africana *Executive Outcome* (EO)¹⁰ e a britânica *Sandline International* (SI) no conflito de Serra Leoa. Dentro dessa guerra, a EO teve papel ativo na defesa das minas de diamantes da região enquanto a SI foi responsável pelo fornecimento de armas para o conflito (Kaldor, 2005). Da mesma maneira, em 1997, a Sandline foi contratada pelo governo da Papua Nova Guiné para atacar o Exército Revolucionário de Bougainville (BRA)¹¹. Tendo em vista sua ascensão após esse período, observa-se no cenário internacional a abertura de mais de 200 companhias militares privadas com efetivo treinamento em 42 países (Avant, 2002). A partir disso, conseguimos observar um crescente número de contratos entre esses agentes, Estados e Organizações Internacionais. Dentro deste horizonte, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a Rússia e a própria Organização das Nações Unidas, se tornam os principais contratantes que se valem das PMSCs em treinamento, segurança, auxílio ou operações de combate. Diante do exposto, e da gradual importância dada às PMSCs a partir do fim do sistema bipolar, se faz necessário compreender como estas são conceituadas e quais as características intrínsecas a sua atuação.

¹⁰ Primeira PMSCs a estabelecer um website em 1997 (Duffield; Donini, 2014).

¹¹ Abreviação do termo em inglês: *Bougainville Revolutionary Army*.

3.3 As Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) e seu escopo de emprego

Existe um constante debate no âmbito da teorização e conceituação do que sejam Empresas Militares Privadas. Alguns autores como Débora Avant (2003) e P.W. Singer (2004) diferenciam as diversas empresas privadas através de três categorias: aquelas que fornecem treinamento operacional e logístico (PSC), as de suporte militar (PMC) e as que proporcionam todas essas atividades (PMSCs). Para esse trabalho consideramos as PMSCs e as caracterizamos como: corporações privadas de elevada organização empresarial que fornecem diversas funções tal qual policiamento, treinamento militar e de peacekeeping, interdição, suporte operacional, segurança internacional, segurança informacional, etc. E como visto na seção anterior, seu emprego pode ser realizado por meio de contratos com civis, empresas, Estados, Organizações Não Governamentais (ONGs) ou até mesmo Organizações Internacionais (OIs).

Figura 3 : Tipologia das empresas e suas atividades

Empresas militares e de segurança privadas				
– <----- Nível de força -----> +				
Tipo de empresa	Firma de apoio militar	Firma de consultoria militar	Empresa de segurança privada	Empresa militar privada
Papel principal	Sustentação/logística	Geração de força, inteligência, comando e controle	Defesa e proteção	Ofensiva
Atividades	Transporte Engenharia Apoio médico Aquisição Serviços de pessoal	Apoio de inteligência Gestão do conhecimento Apoio de treinamento	Segurança de instalações Segurança física Proteção pessoal Segurança de comboio Proteção de refugiados	Combate Apoio ao combate Apoio aéreo aproximado Apoio de fogo
Exemplos notáveis	Kellogg Brown & Root (KBR)	Military Professional Resources Incorporated (MPRI); Dyncorp	Blackwater/Xe/Academi	Executive Outcomes

Fonte: Arnold, 2020.

Essas empresas demonstram um caráter flexível de atuação com capacidade de emprego objetivando ganhos econômicos, geoestratégicos, paramilitares ou informacionais. Além disso, mostram-se como meios geoeconômicos aptos a promover as inclinações nacionais e gerar efeitos positivos aos Estados que os contratam (Arnold, 2020). Todavia, destacamos que o uso das PMSCs como representantes de algumas nações ou instituições não

transfere a essas empresas o monopólio legítimo da força. Tais agentes com sua natureza adaptável conseguem dispor da área cinzenta do ambiente de conflito e por conseguinte gerar o recurso de negabilidade. Isso pois, agem de acordo com a vontade de seus contratantes, mas sem estar explicitamente os representando como ocorre, por exemplo, com os exércitos nacionais. Com isso, são extremamente hábeis em promover as inclinações e vontades de Estados sem que estes estejam visivelmente envolvidos nos conflitos. Por isso, quando há uma violação do Direito Internacional ou Direitos Humanos, a responsabilidade da punição é dada às PMSCs e não ao seu contratante.

Compreendendo o poder de ação dessas empresas, em 2001, o Ministério da Defesa britânico autorizou a criação de reservas privadas, das quais tem papel primordial nas novas atividades de apoio às unidades de seu exército, força aérea e Marinha Real. Apesar disso e da sua constante atuação na década de 90, foi apenas em 2007 que a utilização das PMSCs ganharam outras proporções dentro do debate da segurança internacional (War On Want, 2016). A Empresa Militar Privada Blackwater, contratada pelos EUA para atuar na guerra do Iraque em 2007, realizou uma intervenção que matou 15 civis iraquianos. Tal fatalidade trouxe à tona uma discussão ainda mais ferrenha acerca da legitimidade destes agentes e suas empresas como defensores dos princípios e aspirações dos Estados que os contratam. Somado a isso, é com a Guerra da Ucrânia e o acirramento do conflito em 2014, que nota-se uma maior preocupação dos estrategistas contemporâneos quanto ao poder e efetividade promovidos pelo emprego das PMSCs em combates.

Desde a Convenção de Genebra o uso de soldados privados pelos Estados é algo condenável pelo Direito internacional. Porém, dentro do novo ambiente econômico as PMSCs nasceram como corporações privadas. Logo, são legalmente aceitas pelo sistema internacional. De modo a regular sua atuação nos conflitos contemporâneos, em 2009, é criado o *Montreux Document*. Esse documento assinado por 17 países - entre eles os Estados Unidos, Ucrânia e China - trata das obrigações internacionais e legais dos Estados que usam PMSCs em conflitos armados. Entretanto, mesmo com essa tentativa de minar a zona cinzenta criada no ambiente internacional pela atuação dessas empresas, observou-se uma proliferação de seu emprego nos novos conflitos. Por isso, em uma nova tentativa de regular seu papel, em 2013, foi criada a Associação Internacional de Código de Conduta, em que estabeleceu sanções e responsabilidades para os países e empresas militares privadas signatárias (War On Want, 2016).¹²

¹² Foi assinado por 708 empresas e países como EUA, Austrália, Suécia e Suíça (War On Want, 2016).

Diante desse escopo, faz-se necessário o seguinte questionamento: o que diferencia uma PMSCs dos mercenários? As PMSCs assim como tais agentes privados possuem um emprego semelhante. Todavia, são diferentes de seus antecessores mercenários e das empresas do século XVIII devido ao seu caráter corporativo (McFate, 2014). Há neste debate uma linha muito tênue entre as atividades desses agentes. Assim, de forma elucidativa, destacamos que os mercenários atuam de forma individual e não possuem uma estrutura organizacional bem definida como a apresentada pelas novas corporações militares privadas. Vale destacar que foi a evolução das atividades individuais desses soldados privados e de sua capacidade adaptativa de integrar-se e evoluir de acordo com o novo panorama neoliberal, que permitiu o desenvolvimento dessas empresas privadas. Dessa forma, esses novos ambientes corporativos militares representam uma evolução da prestação e terceirização dos serviços militares (Singer, 2003).

Isto posto, as PMSCs erguem-se neste cenário com o papel de antigos agentes com novos aspectos e com maior capacidade de impacto dentro das guerras contemporâneas. Constata-se que assim como seus antecessores, a emergência desses atores se deu a partir de um momento marcado pela instabilidade econômica e militar. Para o surgimento das PMSCs, foi necessário a manifestação de elementos críticos latentes ao vazio de poder na segurança internacional como elemento essencial para a disseminação da privatização dos serviços militares. Além disso, compreendemos que essas empresas representam ao mesmo tempo uma consequência das mudanças das guerras ao mesmo tempo que fizeram parte das alterações apresentadas pelas graduais mudanças na conduta dos conflitos e seus contextos econômicos. Isso porque, foram esses atores irregulares privados com o fornecimento de armas tecnológicas de ponta e robustos treinamentos que possibilitaram as modificações nas condutas das guerras contemporâneas.

4. A ESTRATÉGIA DE DEFESA RUSSA: AS PMSCs COMO MEIO IRREGULAR HÍBRIDO

Para compreender a percepção de um país quanto a sua atuação no sistema internacional e como o país projeta seu poder dentro deste ambiente, é necessário primeiramente observar quais pensamentos políticos influenciam tal perspectiva. Segundo Bernie (2018), a construção das Estratégias de Defesas da Rússia (NDS)¹³ são formadas através dos pensamentos políticos externos e militares do país. Para melhor entender as Estratégia de Defesa Nacional que fundamentam as atuações da Rússia no estudo de caso aqui analisado, o capítulo em questão visa primeiramente definir as escolas de pensamento político russa. Em seguida será realizado uma exploração acerca de como esses entendimentos são vistos na NDS lançada em 2014 e por fim, será efetuado uma robusta exploração da conjuntura que conduziu a Rússia a usar as PMSCs como meio irregular híbrido.

4.1 Os Pensamentos Políticos e Estratégicos Russos

A Federação Russa como hoje a conhecemos surge em 1991 após o fim da União Soviética, em que a partir disso herda um panorama nacional marcado pela crise econômica, política e militar. Nesse cenário, ao mesmo tempo que Moscou tentava impor seu lugar no sistema internacional pós Guerra Fria, seu setor militar apresentava um déficit orçamentário que dificultava o planejamento estratégico do país (Massicot, 2019). Associado a isso, o país passou por transformações e evoluções de pensamentos políticos e militares que foram primordiais na sua construção estratégica contemporânea. Para o atual desenvolvimento da política externa e militar russa, foi-se necessário a difusão de pensamentos como o nacionalismo, o civilizacionismo/ eurasianismo e o ocidentalismo.

O eurasianismo, presente na Rússia desde 1500, concebe o país como uma civilização separada e com ambições diferentes daquelas propagadas pelo Ocidente (Bernier, 2018). Por meio disso, o século XIX foi marcado pela expansão e ativa atuação dos czares russos em defesa do seu território e do pan-eslavismo. De acordo com esse pensamento político, a expansão da União Soviética era não só justificável como também necessária para a defesa de seu destino como autoridade na Ásia Central e Cáucaso e poder opositor aos valores liberais americanos (Rumer, 2019). Em contrapartida, o Ocidentalismo emerge como pensamento do qual não acreditava em uma Rússia como entidade isolada e independente que deveria trilhar seu caminho através da oposição ao Ocidente. Devido a isso, vemos já entre os primeiros

¹³ Abreviação do termo em inglês: *National Defense Strategy*.

governantes do pós-URSS, uma política externa marcada pela congruência e integração com o Ocidente (Rumer, 2019). A política externa russa pró-Ocidente foi desenvolvida de forma gradual e teve como um de seus primordiais baluartes, Andrey Kozyrev. Vale destacar que alguns autores inserem Mikhail Gorbachov dentro deste pensamento. Isto pois, com sua atuação, ele tentou findar com o pensamento Marxista-Leninista até então resistente, promoveu e viabilizou a independência de algumas das antigas Repúblicas Soviéticas. Fora isso, ainda articulou a diminuição dos gastos em defesa, uma vez que em sua visão não existiam mais ameaças em direção ao Ocidente (Bernier, 2018). Nota-se, assim, uma atuação mais branda e cooperativa russa diante do instável ambiente internacional do pós guerra fria.

Contrariando essa perspectiva, o pensamento nacionalista¹⁴ russo irrompe, principalmente, no momento que a Rússia necessitava de uma conduta mais ativa. De modo a contornar a possibilidade do surgimento de um sistema internacional unipolar e se inserir como grande potência dentro do ambiente internacional em construção (acima já descrito), a Rússia desenvolveu uma atuação mais robusta. Para tal, o Ministro das Relações Exteriores (1998-1999) e nacionalista ferrenho, Yevgeny Primakov, acreditava ser necessário uma maior ênfase do poderio internacional russo através do estabelecimento de um sistema multipolar. A nova concepção da política externa russa, surge principalmente como contraponto a um sistema global centrado no poder americano e em apoio a um ambiente internacional governado por diversas potências, tais quais a Rússia, Índia e China (Rumer, 2019). Com isso, ao assumir, Primakov, altera a noção vigente e fundamenta uma manutenção das boas relações com suas antigas repúblicas soviéticas e um desenvolvimento de novas alianças com alguns países Asiáticos e do Oriente Médio (Bernier, 2018).

Para a Doutrina Primakov¹⁵, seria a construção de relações oportunas com o Ocidente, aliada à uma expansão do poder russo no seu entorno estratégico, que permitiria a Federação Russa o desdobramento de um papel de preponderância no ambiente internacional. Entretanto, na visão nacionalista russa, conservar uma boa relação com o Ocidente não representava uma concordância com a sua expansão ao redor do entorno geoestratégico russo (Bernier, 2018). Devido a isso, Primakov possuía uma concepção dual, já que ao mesmo tempo que apoiava uma defesa ativa russa contra quaisquer possíveis ameaças, acreditava na Diplomacia como a primeira ação a ser tomada (Rumer, 2019). Isto posto, é com Primakov que a Rússia

¹⁴ Nesta concepção é utilizado o termo *Derzhava*, para destacar o papel russo como detentor do poder e equilíbrio internacional (Bernier, 2018).

¹⁵ Apesar do debate entre os autores acerca da existência ou não de uma Doutrina Primakov, o trabalho aqui apresentado irá valer-se do termo e ideias congruentes àqueles pensadores que reconhecem a atuação e pensamentos de Primakov como uma Doutrina.

desenvolve seu posicionamento, até hoje preservado, como ator indispensável no cenário internacional.

4.2 A Estratégia de Defesa Nacional Russa

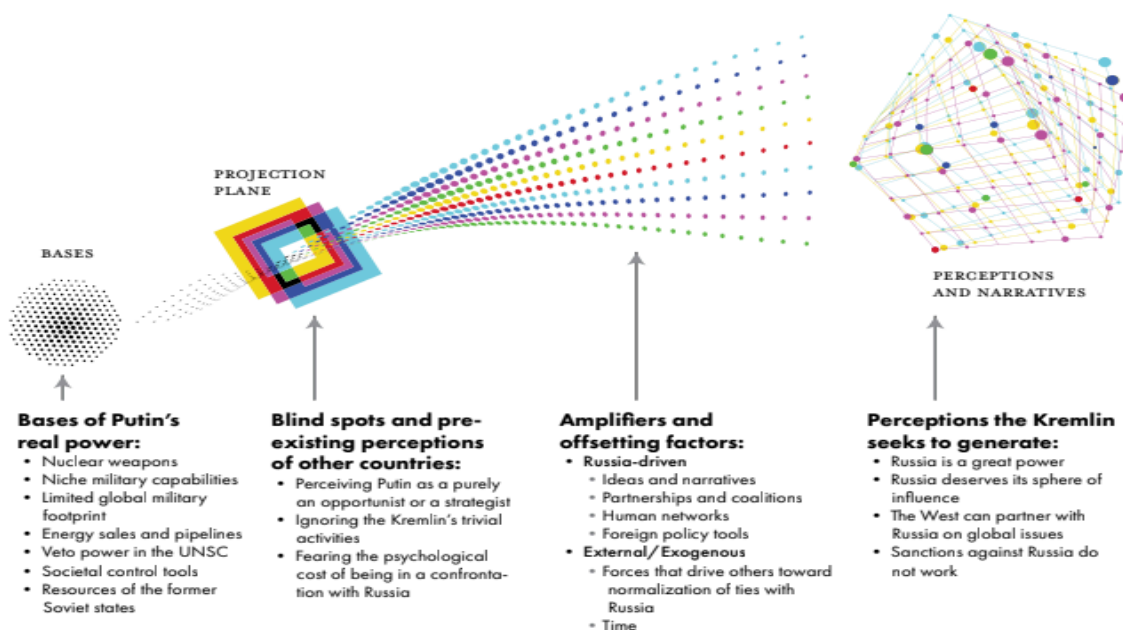
Como consequência do desenrolar da Guerra da Geórgia de 2008 e em conjunto com o afloramento do pensamento político externo de Primakov, a Rússia desenvolveu um posicionamento internacional com um delineamento mais enfático nas suas áreas estratégicas (Islam, 2014). Por isso, observamos na Estratégia Nacional de Defesa de 2010, uma constatação da ameaça à soberania russa em face da expansão da OTAN e do envio de tropas estrangeiras próximo ao seu entorno (ISW, 2020). Além disso, há um reconhecimento do desencadeamento de um possível conflito bélico caso o Direito Internacional fosse violado. Esses desdobramentos levaram à necessidade da Federação Russa de elaborar um sistema de defesa e projeção de poder cada vez mais robusto, no qual conduziu a constantes inovações e reformas em seu âmbito estratégico militar.¹⁶

Na Rússia contemporânea, as concepções que mais influem no pensamento político e militar russo são as apresentadas pelo presidente Vladimir Putin e pelo seu chefe do Estado Maior, Valery Gerasimov. O presidente russo, assim como Primakov, é um obstinado defensor do poderio russo como grande potência. Por isso, a política externa e de defesa russa é orientada a partir da promoção de um sistema internacional multipolar e globalizado tendo a Rússia como um dos seus principais baluartes. Por sua vez, através de sua doutrina¹⁷, Gerasimov, desenvolve uma operacionalização das ações e inclinações já presentes dentro do panorama político e estratégico russo (Rumer, 2019). Ao contrário de seu antecessor, que acreditava em uma expansão russa através de um poder brando, o atual Chefe do Estado Maior russo, possui discursos dos quais acreditam no crescimento do poder através do emprego de força.

¹⁶ Isso é visto principalmente na Estratégia Defesa Nacional de 2010 que demonstra uma maior preocupação com o entorno estratégico russo e como a OTAN pode ser uma ameaça (Islam, 2014).

¹⁷ O entendimento quanto a Doutrina Gerasimov possui, assim como a Doutrina Primakov, divergências entre os autores. Para um melhor entendimento da análise, iremos considerar a compreensão sobre uma Doutrina Gerasimov.

Figura 4: Visão do Kremlin quanto a Projeção de poder da Rússia



Fonte: ISW, 2020.

Em sua lente operacional¹⁸, Gerasimov (2013), destaca a necessidade de adaptabilidade dos recursos de um Estado quanto aos seus meios e operacionalização militar em cenários de guerra. Isso porque, os conflitos contemporâneos são caracterizados pelo elevado emprego de estratégias híbridas. Essas condutas são marcadas pelo uso de meios não convencionais, tais quais PMSCs, que desempenham um papel cada vez mais decisivo para a efetivação dos meios políticos e militares (Massicot, 2019). Em uma estratégia híbrida todas as características e poder de forças irregulares são amplificados, em que esses agentes ao serem empregados em conjunto com as forças convencionais são capazes de desorientar seu oponente (Gerasimov, 2013). Tais componentes irregulares conseguem ao mesmo tempo prolongar o confronto, levar a intensas reações e elevar os custos de guerra para os adversários (Hoffman, 2007). Com isso, e considerando a definição teórica já realizada, nota-se que por meio de uma atuação híbrida, é possível modificar tanto a orientação estratégica quanto a governança de determinado Estado (Gerasimov, 2013).

À vista disso, ao analisarmos a atuação russa, observou-se um gradual delineamento dos instrumentos militares e de segurança do Kremlin de acordo com suas atuações híbridas. O país considera que as estratégias híbridas são cada vez mais usadas por diversos Estados

¹⁸ Existe um constante debate acerca da terminologia utilizada por Gerasimov quanto às novas guerras, isso pois, alguns autores consideram o termo estratégia irregular enquanto outros usam o termo estratégia híbrida. Assim, de modo a realizar uma análise mais assertiva e ainda mais robusta, o termo aqui utilizado será o mais utilizado entre os autores ocidentais, o qual é estratégia híbrida.

devido a sua maior eficácia dentro dos novos conflitos (Clark, 2021). O predomínio do pensamento estratégico militar operacionalizado por uma atuação híbrida, ocorreu principalmente a partir de 2013 quando observou-se o potencial dessa estratégia no desenrolar do conflito da Ucrânia. A Estratégia de Defesa Nacional (NDS) da Rússia de 2014, reitera a evolução das condutas da guerra, a necessidade de acompanhá-las e as modificações presentes no sistema de segurança internacional. Essa estratégia ainda expõe que os confrontos contemporâneos usam “[...] o emprego integrado de força militar e medidas políticas, econômicas, informativas ou outros meios não militares implementadas com amplo uso do potencial de protesto da população e das forças de operações especiais” (Rússia, 2014, p. 5). Isto é, a Rússia ressalta o papel da combinação entre os meios convencionais e irregulares como parte estratégica das guerras contemporâneas e como meio de projeção e fortalecimento de poder no sistema internacional. Além disso, evidencia neste documento a perspectiva russa quanto ao crescente poder da Organização do Atlântico Norte (OTAN) e seu deslocamento de tropas próximas às fronteiras russas como uma violação do direito internacional.

A NDS (2014), demonstra também uma preocupação russa quanto aos conflitos regionais, a emergência de insurgências, terroristas e atores não estatais, a ascensão e constante uso das novas tecnologias e a necessidade de estabelecer meios para uma guerra informacional. Diante da análise de tais documentos constatamos uma prioridade da Rússia em evitar conflitos convencionais, principalmente com as grandes potências como Estados Unidos, ao mesmo tempo que mantém sua agenda política e militar. Para alcançar tal feito, a Rússia vai apresentar em seus conflitos contemporâneos uma gradual evolução no emprego de condutas assinaladas por uma assimetria de informações, sanções econômicas e utilização de meios convencionais e irregulares, tal qual as PMSCs. Por meio dessas atuações que possibilitam uma negação de sua participação nos conflitos, a Rússia tenta alcançar resultados politicamente mais decisivos (Marcuzzi, 2018).

4.3 As PMSCs como meio irregular híbrido russo

A relação da Rússia com agentes privados em conflitos remonta aos séculos XVII a XIX quando os mercenários Grupo dos Cossacos¹⁹ defenderam as fronteiras e os recursos naturais nacionais. Esses soldados privados possuíam papel significativo na expansão e desenvolvimento territorial da Rússia Imperial (Buzan, 2007). Porém, com o advento da Revolução Bolchevique, seu emprego e contratação por parte do poder nacional russo

¹⁹ São uma etnia russa reconhecidos pela sua força e organização em conflitos.

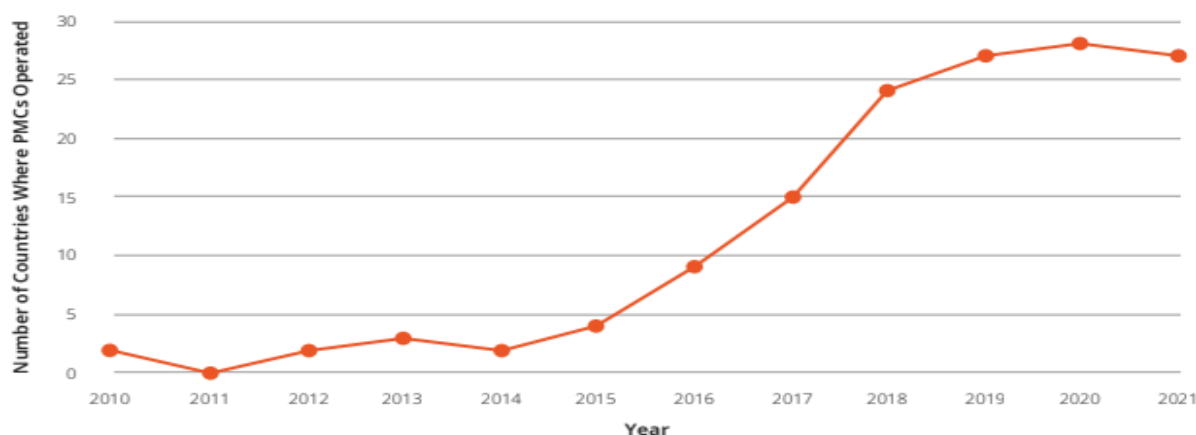
adentrou no escopo da ilegalidade.²⁰ Como já destacado, a adaptabilidade e resiliência são elementos que representam a resistência desses atores irregulares dentro dos diversos cenários internacionais. Assim, não é de se surpreender que já no ambiente pós-1945, ainda com o regime da União Soviética (URSS), os soldados privados voltem a atuar dentro do território russo.

Todavia, uma das características da conjuntura interna russa após o fim da URSS, foi o vazio de poder presente durante a transição dos governos. O país recém formado presenciou nesse período um enfraquecimento interno que possibilitou a criação de diversas unidades privadas de proteção (Buzan, 2007). Isso, somado ao grande desemprego dos soldados nacionais e a emergência de conflitos territoriais, proporcionaram um cenário ideal para a emergência de corporações privadas para assistência militar. Com seu grau de adaptabilidade, os mercenários russos também se adequaram à conjuntura internacional e conquistaram um grau de organização estrutural necessário para a criação de corporações privadas que fornecessem seus serviços. As primeiras Empresas Militares Russas foram identificadas já na década de 1990 no conflito civil da Iugoslávia (Singer, 2003). Segundo Foley & Kaunert (2022), essas empresas foram utilizadas como forma do Estado russo valer-se das áreas cinzentas dos conflitos modernos e da negabilidade de atuação desses atores. Dessa forma nota-se que desde os tempos do czarismo russo, os soldados privados tiveram um papel de destaque como defensores dos anseios e interesses políticos e estratégicos militares do Estado.

Observando isso e as características presentes nos novos conflitos, a Rússia identifica as ações de atores irregulares, tais quais as PMSCs como o futuro da guerra. À vista disso, o país emprega inovações estratégicas, como o uso de atores irregulares tal qual as PMSCs, para expandir e conservar seu poder no sistema internacional. Tendo a compreensão da capacidade de atuação e negabilidade das PMSCs, a Rússia eleva a cada ano seu número de contratos (IISS, 2020). Proporcionalmente a isso, as PMSCs russas estão cada vez mais ativas em regiões como: Oriente Médio, Europa, África, Ásia e América Latina. Dentro desses ambientes, tais atores além de serem utilizados para ações de combate e segurança, são também meios para elevar a influência econômica russa nas regiões (CSIS, 2021), gerando assim um aumento das receitas do Estado russo. Como exemplo disso citamos os casos de extração de petróleo, ouro e diamantes nas regiões da República Centro Africana, da Venezuela, Líbia e Síria. Assim sendo, é com a substituição de um comportamento convencional tendo as PMSCs como atores irregulares centrais que a Rússia consegue projetar seu poder evitando conflitos diretos.

²⁰ Levou a perseguição dos Cossacos.

Figura 5: Crescimento do número de PMSCs atuando para Rússia



Fonte: CSIS, 2021.

O caráter de importância dado a esses agentes na estratégia de projeção de poder russa é tanta que algumas dessas empresas possuem relações diretas e indiretas com o Ministério de Defesa (CSIS, 2021). Destacamos ainda a ligação de algumas PMSCs russas com o Serviço de Inteligência Estrangeiro (SVR)²¹, com o Serviço Federal de Segurança Russo (FSB), com as Forças Especiais (GRU)²² e com o próprio Kremlin. Como evidência disso, tem-se a presença da base militar da Empresa Privada *Wagner Group* que está localizada na cidade de Molokino no distrito de Krasnodar. A instalação fica situada ao lado da 10ª Brigada de Missão Especial da GRU Spetsnaz²³. Como pode ser visto nas imagens abaixo, a base é composta por quartel general, alojamentos dedicados a treinamento aerotransportado, armazenamento de artilharia e pistas de obstáculos para treinamento (Doxsee *et al*, 2020). Outro elemento que vale ser destacado é o fato de o fundador da empresa, Dmitri Utkin, ter sido um antigo integrante das Forças Especiais GRU *Spetsnaz* (CSIS, 2021). Com isso, facilitando ainda mais a operacionalização e comunicação entre as forças convencionais e a empresa.

²¹ Abreviação do termo em russo: *Sluzhba Vneshney Razvedki*.

²² Abreviação do termo em russo: *Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye*.

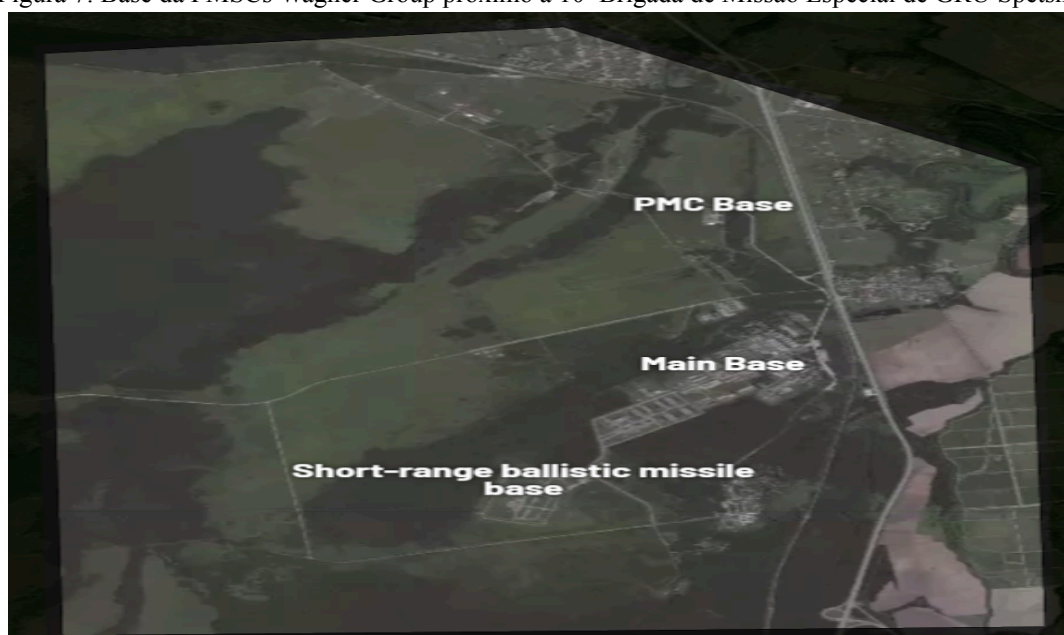
²³ Abreviação do termo em inglês: *Special Forces of the Main Directorate of the General Staff of the Russian Armed Forces*.

Figura 6: Base da PMSCs Wagner Group



Fonte: Doxsee *et al*, 2020.

Figura 7: Base da PMSCs Wagner Group próximo a 10ª Brigada de Missão Especial de GRU Spetsnaz



Fonte: Doxsee *et al*, 2020.

Apesar de ser um dos Estados que mais contrata PMSCs em comparação com o investimento feito em suas próprias forças nacionais, a atuação das PMSCs é algo ilegal de acordo com o Código Penal Russo do Artigo 359 (Dahlqvist, 2021). Apesar disso, é observado uma dualidade dentro das considerações do presidente Vladimir Putin quanto ao assunto. Ao mesmo tempo que Putin nega constantemente o uso de PMSCs pelo Estado, enfatiza a importância dessas empresas como meios de influência externa. Cita-se aqui principalmente o discurso do presidente em 2012, em que declarou o seu apoio a criação de

PMSCs russas e ao seu emprego como fortificadores dos interesses nacionais (CSIS, 2020). Acresce-se a esse hesitante posicionamento, o fato de que mesmo com o evidente emprego de PMSCs, a Rússia não assinou o *Montreux Document*. Através disso, o Estado russo não só evita a obrigatoriedade do cumprimento de leis internacionais e nacionais, como também consegue alcançar um maior grau de negabilidade de suas PMSCs.

Diante o exposto, é por meio desse caráter estratégico que a Rússia garante suas vitórias militares e políticas sem precisar modificar ou prejudicar sua imagem no sistema internacional (Dahlqvist, 2021). Apoiando-se da área cinzenta proporcionada por uma atuação irregular híbrida, o país conseguiu como evidente resultado anexar a Crimeia. Com o uso das PMSCs, a Rússia assegurou uma atuação diversiva da qual gerou não só uma desorientação da Ucrânia como também um atraso em sua pronta resposta (será aprofundado abaixo). Portanto, em face disso e das diversas ocasiões de utilização das PMSCs nos conflitos atuais e analisando suas capacidades assimétricas, reconhecemos o potencial desses agentes de em suas atuações modificarem a conduta das guerras.

5. ESTUDO DE CASO: GUERRA DA UCRÂNIA (2013 - 2015)

Diante do que foi exposto até então, foi possível compreender as razões por trás do emprego de uma estratégia híbrida com elevadas atuações assimétricas através do uso de PMSCs como forma de projeção de poder e negabilidade de atuação. Antes de compreender a estratégia híbrida russa empregada na Ucrânia em 2014, necessitamos observar as motivações que cercaram o conflito. De acordo com Freedman (2019) a anexação da Crimeia foi um resultado do crescente ativismo da OTAN, dos problemas herdados do fim da Guerra Fria e da dissolução da URSS. Para a Rússia o território ucraniano, especificamente a Criméia, é uma região estratégica e primordial para o controle do Mar Negro e dos Estreitos de Bósforo e Dardanelos. Para uma melhor compreensão desse complexo ambiente, o capítulo se dividirá em três partes: a primeira seção terá como intuito realizar um estudo sobre o contexto geopolítico da região; a segunda parte será realizado uma investigação acerca da conjuntura política e social da Ucrânia. Por fim, será feita uma robusta análise sobre o uso das PMSCs como meio irregular híbrido e como conduziram a mudanças na conduta da guerra da Ucrânia.

5.1 Contexto geopolítico e social russo

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA tentaram redesenhar as fronteiras estabelecidas até então. Isso porque, existia uma necessidade política e econômica americana de ampliar seu sistema de consumo - "*american way of life*" - e de escoar os armamentos de sua indústria bélica (Bandeira, 2016). Tal fato, conduziu a uma fragmentação do ambiente internacional em dois campos opostos (países livres e países comunistas e totalitários), o que por sua vez deflagrou a Guerra Fria. Almejando expandir seu poderio, principalmente para as regiões da Europa Ocidental, os EUA criaram em 1949 a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Como salientado na seção acima, o governo de Mikhail Gorbatchov foi marcado pela tentativa de conciliação entre a Rússia e o Ocidente. Aproveitando-se da oportunidade do vazio de poder, em 1999, ocorre a incorporação das regiões da Hungria, República Tcheca e Polônia como novos membros (Pervez, 2010). Com isso, aos poucos a OTAN tornou-se ainda mais um meio de submeter alguns países da Europa a influência dos desejos econômicos e geopolíticos da Casa Branca (Bandeira, 2016).

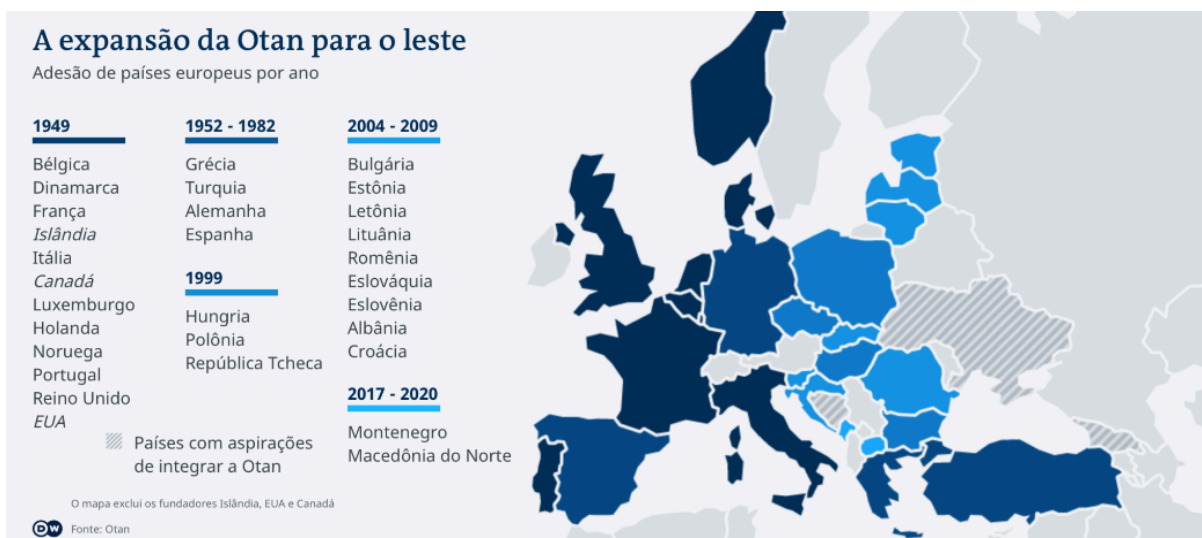
Ao assumir como primeiro presidente russo, após a dissolução da URSS, Boris Yeltsin herda de seu antecessor um ambiente de crise econômica e política. Para solucionar os

problemas derivados da crise, Yeltsin aderiu ao *Free Market*, aos preceitos do neoliberalismo e permitiu a independência das repúblicas antes pertencentes à URSS²⁴ (Bandeira, 2016). Além disso, realizou diversas privatizações das indústrias nacionais, das quais resultaram em uma concentração de poder privado nas mãos dos oligarcas na região, o que levou a um alastramento da corrupção nos setores políticos. Durante seu mandato, Yeltsin ainda enfrentou um cenário de acirramento das relações com a OTAN após seu ataque à Iugoslávia (Bandeira, 2016), em que nem seu primeiro-ministro Yevgeny Primakov, com seu discurso expansionista, soube solucionar. Diante disso, a Rússia adentrou ainda mais em crise.

A recuperação da Federação Russa ocorreu após o impeachment de Yeltsin. Vladimir Putin, assumiu ao fim de 1999 e ascendeu através da aprovação de políticas estatais das quais possibilitaram uma reconstrução econômica russa nos anos 2000. Putin, soergueu o país por meio de ações como o controle estatal da produção de petróleo, gás e minérios. Tais medidas conduziram, por exemplo, a compra de 75% da empresa privada Sibneft por parte da estatal Gazprom (Bandeira, 2016). O novo presidente, ao garantir a Rússia superioridade e poderio sobre as produções de gás e petróleo, permitiu que o país se beneficiasse dos elevados preços desses minerais no mercado internacional. Fora isso, para demonstrar sua adiversidade e intolerância quanto às ações da OTAN, principalmente a sua expansão de 2004, que aderiu Estônia, Lituânia e Letônia como novos membros, Putin iniciou o fortalecimento das Forças Armadas russas e a militarização do círculo Ártico.

²⁴ Após a independência, alguns desses países passaram a integrar a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Com isso tendo seus capitais e mercados concentrados na Europa Ocidental (Bandeira, 2018).

Figura 8: Expansão da OTAN no entorno estratégico russo



Fonte: Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2020

Após o decorrer da guerra da Geórgia de 2008, o ambiente internacional notou as ambições da OTAN em minar a influência russa na Europa. Em resposta, a Rússia em conjunto com suas Forças Armadas, que há um tempo estava sendo fortalecida, interveio no conflito. O auxílio do país na região não foi nada menos que deliberado. A intenção de tal assistência era proteger as regiões da Ossétia do Sul e Abkhazia, que eram os territórios que se encontravam os grupos de russos étnicos (Bandeira, 2016). Todavia, a importância geoestratégica da Geórgia para a Rússia vai além desses elementos culturais. Isso porque, é nesse território que passam o Oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC) que vai desde Azerbaijão (Baku) até a Turquia (Ceyhan) (Charamut, 2005). Como se pode observar (ver figura abaixo), possuir a Geórgia era ter poder sobre os oleodutos em seu território. Além disso, era adquirir não apenas um maior poder sobre o entorno russo, com também uma maior possibilidade de influência sobre Sevastopol e o Mar Negro. Assim, não é de se impressionar que já em 2010 a NDS russa considere a OTAN como uma ameaça a sua soberania.

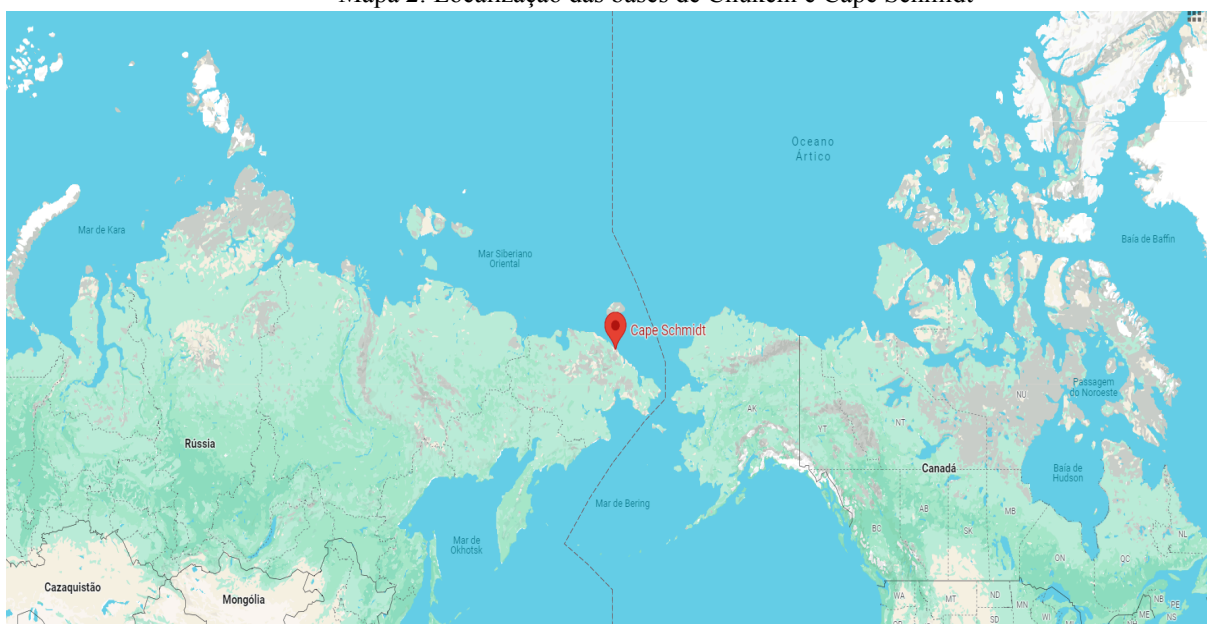
Mapa 1: Oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC)



Fonte: Charamut, 2005.

Com o desenrolar do acirramento entre a Rússia e os EUA, o presidente americano, Barack Obama, desde 2012, tentou cercar a região asiática através da construção de uma cadeia de bases navais, aéreas e portos (Bandeira, 2016). De modo a diminuir a margem de manobra da OTAN na região, Putin fortaleceu ainda mais as forças russas através da expansão da frota de Sevastopol e do apoio ao porto Sírio de Latakia e sua base naval em Tartus. Fora isso, para diminuir uma possível assimetria de forças, a Rússia modernizou seu arsenal bélico para 4.500 ogivas nucleares. Segundo os dados fornecidos pelo *Stockholm International Peace Research Institute* (2015), no ano de 2015, a Rússia já somava 7.500 ogivas nucleares em contraponto às 7.300 ogivas dos EUA. Adicionado a isso, Moscou iniciou a reconstrução de bases estratégicas nas regiões de Chukchi e Cape Schmidt, assim como a ampliação de sua base naval em Novorossiysk, localizado na Crimeia (Bandeira, 2016).

Mapa 2: Localização das bases de Chukchi e Cape Schmidt



Fonte: Google, 2024.

5.2 A Ucrânia e sua importância geoestratégica para a Rússia

A importância da Ucrânia irrompe desde a incorporação da região da Bacia de Donetsk (Donbass) ao Império Russo (Freedman, 2019). Com o decorrer do tempo, a região tornou-se cada vez mais um centro econômico devido ao seu complexo industrial, agrícola e riquezas minerais. Para a URSS, a Bacia de Donetsk também representava um imenso complexo industrial, sem o qual o regime não poderia sobreviver (Bandeira, 2016). A relevância da região era tal que, na ofensiva do III Reich, era imprescindível não só a ocupação de Leningrado mas também a tomada do território de Donbass (Bandeira, 2016). Outro território de suma importância para a URSS era a Crimeia por causa de seu acesso e controle do Mar Negro e dos Estreitos de Bósforo e Dardanelos. Nota-se assim que desde sua integração como território do Império Russo, a Ucrânia teve um papel de destaque quanto sua relevância econômica e geoestratégica. Apesar de seu imenso desenvolvimento industrial durante 1960 a 1965, como toda potência, a Ucrânia teve um período de estagnação. Esse, ocorreu em 1970 e engendrou graves consequências econômicas e sociais, os quais tiveram uma piora significativa com a sua declaração como nova república independente (Freedman, 2019).

Antes de ter sua independência efetivada em 1991, a Ucrânia enfrentou um estrondoso declínio econômico e diversos problemas sociais. As divergências sociais eram referentes à diversidade cultural presente na Ucrânia e na Crimeia. A Ucrânia possuía uma população

marcada por ser 77% ucranianos, 17% russos e 6% de outras nacionalidades (Bandeira, 2016). Enquanto isso, a Crimeia, que foi incorporada à Ucrânia em 1954 após Nikita S. Khrushchev assinar um decreto de traslado da província²⁵ da Crimeia para a República Socialista da Ucrânia (Freedman, 2019), possuía uma população composta por 60% de russos e 25% de ucranianos²⁶. Devido a isso, em 1992 se tem a tentativa de proclamação de independência da Crimeia. Os trâmites entre Rússia e Ucrânia conduziram a reafirmação da região de Sevastopol como cidade pertencente à Federação Russa (Freedman, 2019). Como consequência disso, teve-se a assinatura do Tratado Russo-Ucraniano de Amizade em 1997, que deu a posse da Frota do Mar Negro para Rússia²⁷.

Mesmo com suas ricas indústrias e setores minerais, as dificuldades econômicas ucranianas também derivaram das consequências de sua separação da URSS. A nova República não possuía nem instituições financeiras locais, nem acesso ao mercado externo que possibilitasse o escoamento de sua produção, principalmente a referente às produções bélicas (Bandeira, 2016). Assim, levando a uma contração econômica para o país, do qual oscilou e durou de 1991 a 1996. Os anos de 1991 a 1992 foram os de maior convulsão econômica ucraniana, uma vez que se teve a redução do consumo dos maquinários de defesa pela Rússia. Além disso, assim como a Rússia de Yeltsin, a Ucrânia de Leonid Kravtchuk (1991 - 1994) enfrentou um alastramento de oligarcas e corrupção. Com a crise econômica levando o país às ruínas, o primeiro presidente ucraniano realizou um processo de privatização que possibilitou a ascensão econômica dos gerentes das empresas estatais como novos oligarcas (Bandeira, 2016). De modo a ter controle do próprio Estado e beneficiar-se com as decisões econômicas tomadas, os oligarcas iniciaram uma cadeia de financiamento de partidos e líderes políticos (Freedman, 2019).

Todavia, vale lembrar que é nesse cenário que a OTAN expandiu para a Europa. Como resultado, no ano de 1997, o presidente ucraniano Leonid Kučma (1994 - 2005) tentou desenvolver um relacionamento mais próximo com a OTAN através do *Charter on a Distinctive Partnership*²⁸. Essa conduta gerou ainda mais uma divisão interna entre aqueles que acreditavam no apoio russo e aqueles que desejavam uma integração da Ucrânia com OTAN e União Europeia (UE). Esses acontecimentos, em conjunto com a forte corrupção, conduziram as Revoluções Laranjas de 2004 a 2005. Estas, foram organizadas pela população

²⁵ Também chamado de *Oblast*, são as chamadas regiões administrativas da antiga URSS (Freedman, 2019).

²⁶ Senso referente ao ano de 1991 (Tratado do Atlântico Norte, 1997).

²⁷ Vale salientar que como forma de compensar a Ucrânia, a Rússia deveria conceder compensações financeiras à Ucrânia (Bandeira, 2016).

²⁸ Tem como um dos seus objetivos garantir uma reforma da defesa ucraniana e aumentar a interoperabilidade com a OTAN (Tratado do Atlântico Norte, 1997).

ucraniana devido às fraudes nas eleições e com a intenção de anular o mandato do presidente eleito Viktor Yanukovych. O decorrer das manifestações garantiram novas eleições que colocaram o candidato Viktor A. Yushchenko (2005 - 2010) no poder.

O novo presidente eleito, era a favor da aproximação da Ucrânia com o Ocidente e adverso ao controle russo da base de Sevastopol. Viktor Yushchenko, assumiu com a promessa de diminuir a influência russa na região da Crimeia, isto pois, devido a diversidade cultural da região, a influência e domínio russo gerava desestabilização (Bandeira, 2016). Apesar de sua tentativa de aproximação com a OTAN e constantes diálogos com a UE através da renovação do *European Union Association Agreement*, Yushchenko enfrentou uma grave crise econômica e social, que proliferam ainda mais a divisão nacional entre aqueles ditos pró-ocidente e aqueles que eram a favor das alianças com a Rússia (Pervez, 2010). Nesse contexto, ficou claro que a crença de que aproximação com o Ocidente traria desenvolvimento e melhorias econômicas ainda era permanente. Assim sendo, Yushchenko perdeu seu mandato para o então presidente eleito em 2010, Viktor Yanukovych.

Como consequência da crise enfrentada nos anos 2009, Yanukovych assume um país afundado em recessão²⁹ e com uma forte crise social. Já em seus primeiros meses de mandato, o presidente agradou a população pró-russa ao assinar o acordo de *Kharkiv* sobre o fornecimento de gás (Bandeira, 2016). Sabendo que a adesão à União Europeia não resolveria os problemas econômicos ucranianos e ainda dificultaria sua relação com a Rússia, Yanukovich encerrou em novembro de 2013 às negociações com a UE (Duffield; Donini, 2014). Tendo em vista a constante crença da população jovem ucraniana na União Europeia como “salvadora” de seus problemas econômicos e baluarte da prosperidade, o fim das negociações conduziram as manifestações denominadas de Euromaidan. Essas, fortemente financiadas pelo poder americano - que realizou um investimento de US\$ 11,4 milhões (CSIS, 2021) - conseguiu depor Yanukovich e substituí-lo por Petro Poroshenko em Junho de 2014.

O vazio de poder que marcou os meses de manifestação do Euromaidan, trouxe consequências significativas e permanentes para a Ucrânia. Petro Poroshenko assumiu a presidência em um período de fim de manifestações na capital e de eclosão de confrontos nas regiões leste da Ucrânia. Os conflitos do leste foram marcados pela participação e apoio de forças do exército russo GRU, Empresas Militares Privadas, milícias russas e anti-islâmicas chechenas (Gardner, 2015). Por causa do fracasso de Yanukovych, o receio de perder sua influência na região e com uma possível exposição da base naval de Sevastopol com a

²⁹ A crise contraiu a economia nacional em 15% (Bandeira, 2016).

aproximação da OTAN, a Rússia investiu em uma estratégia de ação híbrida como forma de projeção de poder.

5.3 A guerra da Ucrânia, PMSCs e a atuação híbrida russa: uma estratégia de projeção de poder ímpar

Em uma guerra híbrida, os ataques cibernéticos desempenham um papel importante por prejudicarem a infraestrutura e a capacidade do inimigo de operar eficazmente, uma vez que conseguem alterar a percepção da população. Considerando isso e observando o encaminhamento das manifestações do Euromaidan, em 22 de Fevereiro de 2014 se tem início às operações híbridas russas. Logo após a queda do aliado político de Putin, a agência de espionagem russa GRU *Spetsnaz* iniciou um processo de divulgação de *fake news*. Tais ações faziam parte das operações psicológicas e de desinformação da GRU, em que foram criados perfis falsos no Facebook para amplificar os discursos pró-russos em meio aos apoiadores do Euromaidan (Nakashima, 2017). Outro objetivo dessas ações foi o de adentrar em grupos pró-russos para disseminar discursos de ódio contra aqueles que apoiavam o movimento do Euromaidan. Com essa conduta, a GRU atingiu 30 grupos ucranianos e conseguiu que 25 de suas postagens estivessem como líderes em acesso (Nakashima, 2017).

Como visto anteriormente, em uma estratégia híbrida o emprego de ações informacionais, são acompanhados pela atuação de forças militares. Assim, descendo para o nível do emprego tático, o chamado “*boots on the ground*”, a Rússia iniciou, no dia 24 de Fevereiro de 2014, o empreendimento de suas forças convencionais com o bloqueio dos portos ucranianos. Essas, chegaram à unidade naval de Sevastopol e na região de Yalta em 25 de Fevereiro para proteger a base russa e bloquear a chegada de navios ucranianos. Ao mesmo tempo que seus soldados estavam instalados nas áreas navais da Crimeia foram também enviados para as fronteiras de Armyansk em 1 de Março (ver mapa). As tropas enviadas faziam parte da 22ª Brigada GRU *Spetsnaz* e da 810ª Brigada de Infantaria Naval da Frota Russa do Mar Negro de Sevastopol (Bouwmeester, 2021). Por meio de um discurso “de operações de treinamento” nas proximidades da Crimeia, a Rússia conseguiu enviar seus soldados convencionais como meios de fortificações das regiões e como forma de dissuadir Kiev de realizar uma contra-ofensiva.

Mapa 3: Deslocamento das tropas convencionais e irregulares russas



Fonte: Galeotti, 2019.

Conjuntamente a essas atuações convencionais, a Rússia empregou suas forças irregulares a partir do dia 27 de Fevereiro. Seus primeiros atores irregulares de combate foram os *little green men*, soldados sem identificação que tomaram instalações governamentais, civis - como aeroportos e ferrovias - e as bases militares da Crimeia³⁰. Os chamados “homenzinhos verdes”, eram compostos por integrantes das Forças Especiais Russas (GRU *Spetsnaz*) e por agentes contratados da Empresa Militar Privada *Wagner Group* (Reynolds, 2019). Diante dessa furtiva investida, as forças militares ucranianas cederam. Uma estratégia híbrida emprega não só os elementos operacionais, mas também se utiliza de fatores psicológicos como forma de desestabilização. Consequentemente a isso, o apoio dado pela Rússia às regiões do leste conduziram a criação das Milícias Populares nas regiões de Donbass e Luhansk. As milícias visavam a independência das regiões e eram também compostas por soldados especiais da *Spetsnaz* e soldados contratados de Empresas Militares Privadas locais (Gardner, 2015). Diante do sucesso de suas operações híbridas, é em Março de 2014 que Moscou “levanta a bandeira” quanto ao seu direito de proteger³¹ os russos étnicos que se encontravam fora da Rússia. Tal fato conduziu a votação de um referendo em 6 de Março de 2014 para o regresso da Crimeia ao poderio russo (Galeotti, 2019). Nota-se já nesses momentos iniciais do conflito, um explícito amparo russo em condutas híbridas das quais o

³⁰ Dados encontrados no relatório da USASOC de 2016.

³¹ Doutrina presente no governo de Yeltsin e que foi trazida à tona durante o conflito de 2014.

país conseguiu se valer de operações efetivas de forças regulares e irregulares, que por sua vez, geraram resultados decisivos.

Figura 9 : Invasão dos Little Green Men na instalação do Parlamento em Simferopol



Fonte: Kofman; Rojansky, 2015.

É a partir de Junho com a posse de Poroshenko, que a Força Armada ucraniana avança para os territórios leste com o objetivo de retomar principalmente a região de Donbass. Com as ofensivas convencionais ucranianas, em 04 de Junho, algumas regiões foram reconquistadas³². A hostilidade entre as forças russas e ucranianas foi ainda mais intensificada, após a assinatura do acordo comercial com a UE e a tentativa de trégua com os insurgentes de Donbass em 27 de Junho. Vale destacar que até então as operações russas eram marcadas por seu caráter negável. Isto pois, as ações de fortalecimento das bases navais e as condutas próximas ao território ucrainiano, foram declaradas pela Rússia como exercícios de treinamento (Bouwmeester, 2021). Além disso, as ações irregulares e de apoio aos separatistas não foram reconhecidas pelo governo russo, mesmo com o envolvimento direto das forças especiais da GRU *Spetsnaz*.

Com o decorrer do conflito, é apenas no início de Agosto que as tropas russas intervêm de forma explícita no território ucrainiano (Sutyagin, 2015). A fase inicial das investidas das forças convencionais se iniciou em 11 de Agosto de 2014 e envolveram mais

³² Slavyansk, Kramatorsk, Artyomovsk e Druzhkovka (Bandeira, 2016).

de 117 unidades russas³³. Além de seu objetivo de ganhos territoriais, as forças militares tinham como finalidade estratégica garantir a manutenção das repúblicas que eram controladas pela Rússia dentro do leste ucraniano. Apesar de sua importante atuação, nessa fase dos confrontos, foram as PMSCs que assumiram um papel de destaque como apoio irregular para as estratégias híbridas russas. Entre as empresas militares que se envolveram no conflito estão: *Wagner Group*, RSB Group, MAR, E.N.O.T Corp, *Cossacks*, ATK-GROUP, MAR, RSB-GROUP. Nos momentos iniciais, esses agentes privados atuaram como multiplicadores e auxiliares para as tropas especiais do GRU *Spetsnaz* (CSIS, 2021). Além disso, operaram em conjunto com as unidades aerotransportadas e com um comando único das Forças Armadas da Federação Russa (Kosiuk, 2020). Assim, as condutas dessas empresas, principalmente a *Wagner Group*, respondiam, e eram integradas, aos grupos táticos especiais da Rússia e ao comando militar russo (CSIS, 2020).

Figura 10: PMSCs russas presentes e empregues na Ucrânia

	RSB-Group	AntiterroR	MAP	MSGROUP	CENTRE R	ATHGROUP	SLAVCORPS	PMC WAGNER	E.N.O.T.	COSSACKS
PARTICIPATING IN WARS										
UKRAINE ('DPR', 'LPR')	✓	?	✓	?	?	✓	✓	✓	✓	✓
SYRIA	?	✓	?	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
OTHER CONFLICTS	?	✓ IRAQ	?	✓ PROTECTION OF SEA AND GROUND TRANSPORTS	✓ IRAQ YUGOSLAVIA CAUCASUS AFGHANISTAN	?	?	✓	✓ TAJIKISTAN NAGORNO-KARABAKH	✓ IRAQ YUGOSLAVIA CAUCASUS AFGHANISTAN OSSETIA CHECHNYA



InfoimNapalm.org

Fonte: Doxsee *et al*, 2020.

³³ Toda a linha de atuação convencional das tropas russas pode ser observada em “Armies of Russia’s War in Ukraine” de Mark Galleotti (2019) e no relatório de 2018 do Institute for The Study of War (ISW).

Na primavera de 2014, as empresas E.N.O.T Corp, MAR, *Cossacks* e *Wagner Group* foram enviadas para reforçar as regiões de Donbass, Donetsk e Luhansk. Do mesmo modo que as forças convencionais, as PMSCs tinham como atribuição o apoio às repúblicas separatistas russas presentes nessas regiões. Para tal, realizaram emboscadas e ataques diversivos contra os soldados ucranianos (Kosiuk, 2020). Diante disso, não é de se surpreender que nos dias 03 e 16 de Junho, às forças russas contassem com o apoio e auxílio de empresas, como E.N.O.T. Corp, nas ajudas humanitárias enviadas pela Rússia para as regiões de Donetsk e Luhansk (Foley; Kaunert, 2022). Adicionado a isso, os agentes das PMSCs eram utilizados como bloqueadores na passagem das tropas ucranianas para a região da Criméia. Em Donbass o número de combatentes privados saiu de 2.500 em 2014 para 5.000 durante o acirramento do confronto em 2015³⁴. Entre os recursos proporcionados pelas PMSCs estavam o poder de artilharia, carros de combate blindados e foguetes. Porém, foi apenas com a atuação da empresa *Wagner Group*, no verão do mesmo ano, que se observou uma conduta mais ofensiva desses agentes privados contra o exército ucraniano. Em Junho de 2014, soldados dessa empresa causaram a queda da aeronave IL-76 da força aérea da Ucrânia na região de Luhansk (Marten, 2019). Tal conduta levou à morte de 40 paraquedistas ucranianos. A operação teve como foco principal eliminação do fornecimento de apoio para a região sul de Luhansk, assim como objetivava expulsar a infantaria ucraniana da região (Foley; Kaunert, 2022).

³⁴ Gráfico desses dados presente em Doxsee *et al*, 2020.

Mapa 4: Atuação das PMSCs em Debaltseve, Luhansk e Criméia.



Fonte: Doxsee *et al*, 2020.

Em paralelo às operações táticas, e por reconhecer o poder de projeção e delineamento possibilitado por uma estratégia irregular híbrida, as PMSCs foram também utilizadas nas campanhas de desinformação e condutas psicológicas. Esses agentes privados, principalmente a E.N.O.T corp, administraram recursos midiáticos e organizaram campanhas de desinformação (USASOC, 2016). Para essas atribuições informacionais e de propaganda pró-Rússia foram utilizados desde televisão como a *Russian Today*, mídia social, rádio e até especialistas em ataques hacker³⁵. Essas campanhas eram realizadas principalmente para alcançar a instabilidade e influenciar as narrativas dos separatistas em favor da Rússia e com isso prolongar o conflito. O emprego desses soldados privados foi primordial, de modo que no acordo de Minsk I, assinado em setembro de 2014, foi solicitado não apenas o cessar fogo, a retirada da artilharia para 15km de cada lado, como também o deslocamento dos agentes privados contratados para fora da linha de contato criada pela zona tampão (Bandeira, 2016).

³⁵ Informação presente no relatório do ISW 2015 acerca da atuação informacional da Rússia na guerra da Ucrânia.

Mapa 5: Zonas Tampão do acordo de Minsk I



Fonte: Bandeira, 2016.

Como resultado disso, as hostilidade foram estendidas até o ano de 2015. Especificamente, em janeiro de 2015, observamos mais uma vez o efetivo emprego das forças da *Wagner Group* como apoiadores das forças convencionais. É através de sua atuação em 10 de janeiro, que ocorreu o desarmamento da Brigada de Designação Especial de Odessa em Krasnodon.³⁶ De modo a tentar recuperar os territórios até então perdidos para as forças russas, as tropas de Kiev avançaram para a região de Debaltseve entre os dias 12 e 17 de fevereiro de 2015 (Bandeira, 2016). Apesar de conquistar regiões estrategicamente importantes, como as linhas ferroviárias e as rodovias da região, as forças militares ucranianas sofreram significativas baixas que conduziram à retirada de 80% das tropas da região (Freedman, 2019). Isso foi possível, uma vez que enfrentaram as milícias locais, mas também a atuação das forças irregulares das PMSCs, principalmente a *Wagner Group*. Mesmo com a assinatura do acordo de Minsk II em 11 de fevereiro de 2015, que pretendeu pôr fim ao conflito, os agentes privados foram amplamente utilizados durante os sangrentos embates realizados entre 12 e 17 de fevereiro. Por meio da negabilidade, proporcionaram à Rússia a anexação da Crimeia e uma ampliação da sua influência nas regiões leste.

³⁶ Há uma análise dessa ação no “Armed conflict: The Russian Federation’s Military Support for The Illegal Armed Formations of “DPR” and “LPR” da Ukrainian Helsinki Human Rights Union.

Na guerra da Ucrânia de 2014, o principal objetivo russo era evitar a tendência da Ucrânia de se aproximar da OTAN e das interferências ocidentais. A Defesa Nacional da Rússia enfatiza a importância da sua consolidação como um poder regional. Logo, o possível fim de sua projeção sobre a Ucrânia seria visto como prioridade a ser combatida. Por isso, usar meios híbridos irregulares e negáveis com papel operacional decisivo e a assimetria de informação foi primordial para o desenrolar do conflito. As PMSCs com seu caráter negável, permitiram uma preparação de terreno, incitaram e protegeram as rebeliões feitas pelas repúblicas pró-Rússia (Warsaw Institute, 2021). Fora isso, garantiram uma maior expansão da influência estratégica e militar russa na região, possibilitaram um atraso na pronta resposta ucraniana e auxiliaram a Rússia a apoiar-se ainda mais no cinzento ambiente proporcionado por uma conduta de estratégia híbrida.

A presença das PMSCs na Ucrânia demonstrou ao sistema de segurança internacional seu potencial de alterar a conduta de uma guerra. Isso visto que apresentou maestria em desestabilizar o conflito, servir como força multiplicadora negável e capaz de alcançar os objetivos militares, políticos e geopolíticos russos. Com sua característica adaptativa tão robusta quanto aquela vista em camaleões, as PMSCs alcançam os objetivos de seus contratantes em todos os níveis de um combate: estratégicos, operacional e tático. Diante do exposto, constatamos em nossa análise que foi por meio de ações que congregam o domínio simétrico e assimétrico que a Rússia ampliou a sua projeção de poder. Além disso, com a anexação da Crimeia ocasionada por seu uso de estratégia híbrida, a Rússia consolidou de forma robusta a sua visão como sendo uma potência regional e global a ser considerada no panorama internacional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto posto, e a partir dos dados obtidos no projeto de pesquisa “Empresas Militares e de Segurança Privada: mudanças na conduta da guerra no mundo contemporâneo” realizado entre os anos de 2020 a 2021, o trabalho aqui apresentado alcançou uma robusta análise quanto ao entendimento sobre a atuação das Empresas Militares e de Segurança Privadas (PMSCs) no âmbito da segurança internacional. Com uma inferência qualitativa, observamos como a emergência desses agentes privados conduziu a uma alteração da conduta da guerra da Ucrânia. Notamos que As PMSCs com seu caráter assimétrico e negável defendem os interesses de seus contratantes demonstrando uma robusta capacidade em garantir conquistas militares, políticas, territoriais, geopolíticas e geoestratégicas. Ademais, apresentam disponibilidade de uma elevada tecnológica militar adaptável aos contextos enfrentados.

Como visto em nossa análise, os novos conflitos e os debates teóricos que os circundam possibilitaram o ressurgimento de soldados privados como possíveis alternativas de baixo custo e com elevado potencial de afetar e alterar a conduta dos conflitos. Por meio da exploração da teorização sobre conflitos como os de 1º geração, 2º geração, 3º geração e 4º geração, conseguimos compreender a evolução das guerras e como elas acompanham os contextos políticos, sociais e econômicos de suas respectivas épocas. Além disso, foi por meio do entendimento sobre o conceito de *Compound Wars* que notou-se como o ambiente da Segurança Internacional desenvolveu seu entendimento quanto ao que seja Guerra Híbrida. As estratégias híbridas, com sua capacidade de operacionalização conjunta entre forças regulares e irregulares, possibilitou a emergência de atores como as PMSCs. Além disso, deu a esses agentes irregulares um grande papel de destaque dentro do cenário internacional.

Por conseguinte, as PMSCs surgem como antigos atores e novas ameaças, com capacidade de efetiva modificação da conduta dos conflitos. O reconhecimento de sua maestria em influenciar e modificar as características dos novos conflitos se iniciou desde o início do século XX. Porém, foi a partir de 2007 com a atuação da empresa *Blackwater* no confronto do Iraque, que o debate sobre seu emprego ficou cada vez mais ferrenho. Todavia, foi por meio das ações híbridas russas empregues na guerra da Ucrânia (2013-2015) que proporcionaram uma nova visão acerca do potencial papel operacional e decisivo das PMSCs. O confronto demonstrou que esses atores como meios irregulares híbridos conseguem valer-se da névoa da guerra como forma de desorientar e atingir eficientemente seus adversários. Assim, proporcionando uma vitória decisiva dentro dos conflitos que participam.

Diante do exposto, concluímos que as PMSCs contribuem para alargar as opções de uso da força nas relações internacionais, dado que permitem explorar a zona cinzenta que circunda a sua atuação. Somado a isso, dispõe da possibilidade de negação de seu emprego em conflitos e com isso conseguem tanto estender sua influência na Segurança Internacional quanto contornar as restrições impostas pelo Direito Internacional. É exatamente por isso que ao analisar o estudo de caso ao qual esse trabalho se propôs analisar, notamos como o uso de ações híbridas capazes de conduzir a vitória militar e geopolítica sem limitar a projeção e emprego do poder russo, são imprescindíveis no alcance dos objetivos da estratégia do Estado Russo. Por fim, reconhecemos que as ações convencionais não serão desfeitas ou extintas no ambiente da segurança internacional. Todavia, enfatizamos que o fenômeno irregular do emprego das PMSCs não será passageiro e tende cada vez mais a dominar as esferas dos conflitos contemporâneos e principalmente da estratégia de Defesa da Rússia.

7. REFERÊNCIAS

- ARNOLD, Thomas D. **As Dimensões Geoeconômicas das Empresas Militares e de Segurança Privadas da Rússia**. Military Review, 2020. Disponível em: < <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Arquivos/Segundo-Trimestre-2020/As-Dimensoes-Geoeconomicas-das-Empresas-Militares-e-de-Seguranca-Privadas/> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.
- AVANT, Deborah. **Privatizing Military Training**. Foreign Policy in Focus, Washington, v. 7, n.6, maio, 2002.
- AVANT, Deborah. **The Privatization of Security and Change in the Control of Force**. International Studies Perspectives, Oxford, v. 05, p.153-157. 2004.
- AVANT, Deborah. **Private Security**. In: WILLIAM, Paul D. (org.). Security Studies: an introduction. 2 ed. Londres, p. 425-438, 2014.
- BALDWIN, David. Security Studies and The End of the Cold War. **World Politics**, v.48, n1, p.117-141,1995. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/25053954> > Acesso em: 16 de Out. de 2023.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A desordem mundial: o espectro da total dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BERNIER, Pihla. Yevgeny Primakov's Operation Code and Russian Foreign Policy. Tese (Mestrado em Relações Internacionais) - Faculty of Management Politics/International Relations. Finlândia, 2018. Disponível em: < <https://trepo.tuni.fi/handle/10024/104635> > Acesso em: 16 de Out. de 2023.
- BLANK, Stephan J. (ed.). **The Russian Military in Contemporary Perspective**. SSI: Estados Unidos, 2019.
- BOUWMEESTER, A.J.H. The art of Deception revisited (part 2): the unexpected annexation of Crimea in 2014. **Militaire Spectator**, Out., 2021. Disponível em: < <https://militairespectator.nl/artikelen/art-deception-revisited-part-2-unexpected-annexation-crima-2014> > Acesso em: 16 de Out de 2023.
- BRUYÉRE-OSTELLS, Walter. **História dos mercenários: de 1789 aos nossos dias**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BUZAN, Barry. People, States & Fear: An Agenda for International Security Studies in the Post-Cold War Era. 2nd ed. Colchester: Ecpr Press, 2007.
- CENTER Jr., John. The Tooth to Tail Ratio: Considerations for Future Army Force Structure. 1997.
- CLARK, Marson. Russian Hybrid Warfare. **ISW**, set, 2020. Disponível em: < <https://www.understandingwar.org/report/russian-hybrid-warfare> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

CHARAMUT, William. Policing the Silk Road: Do the Central Asian States Need the United States and Russia to Create and Maintain Stability. Tese (Mestrado em Art in Security Affairs) - Naval Postgraduate School. California, 2005. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/235167777_Policing_the_Silk_Road_Do_the_Central_Asian_States_Need_the_United_States_and_Russia_to_Create_and_Maintain_Stability/figures?lo=1 > Acesso em: 16 de Out. de 2023.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. Tradução de Maria Tereza Ramos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CSIS. Russia's Corporate Soldiers: The Global Expansion of Russia's Private Military Companies. **CSIS**, jul, 2021. Disponível em: < <https://www.csis.org/analysis/russias-corporate-soldiers-global-expansion-russias-private-military-companies> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

CSIS. Band of Brothers: The Wagner Group and the Russian State. **CSIS**, Set, 2020. Disponível em: < <https://www.csis.org/blogs/post-soviet-post/band-brothers-wagner-group-and-russian-state> > Acesso em: 16 de Set de 2023.

DAHLQVIST, Nils. Russia's (not so) Private Military Companies. **RUFBS Briefing**, n. 44, Jan, 2019. Disponível em: < <https://www.foi.se> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

DEFENSE INTELLIGENCE AGENCY. Russia Military Power: Building a Military to Support Great Power Aspirations. **Military Power Publications**, 2017.

DOXESEE, Catrina et al. Moscow Mercenaries: The Expansion of Private Military Companies. **CSIS**, set, 2010. Disponível em: < <https://russianpmcs.csis.org/> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

DUFFIELD, Mark; DONINI, Antonio. **Global Governance and the New Wars - The Merging of Development Security**. New York: Zed Book, 2014.

FREEDMAN, Lawrence. **Ukraine and the Art of Strategy**. Oxford University Press: Inglaterra, 2019.

FRIDMAN, Ofer. Hybrid Warfare or Gíbridnaya Voyna? **The RUSI Journal**, Inglaterra, vol.162, p.42-49. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/toc/rusi20/162/1> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

FOLEY, Emmet; KAUNERT, Christian. Russian Private Military and Ukraine: Hybrid Surrogate Warfare and Russian State Policy by Other Means. **Central European Journal of International and Security Studies**, vol. 16, 2022, pp. 172-192.

GALEOTTI, Mark. **Armies of Russia's War in Ukraine**. Osprey Publishing: Oxford, 2019.

GERASIMOV, Valery. The Value of Science Is in the Foresight New Challenges Demand: Rethinking the Forms and Methods of Carrying out Combat Operations. **MILITARY REVIEW**, jan, 2013

. Disponível em: < https://www.armyupress.army.mil/portals/7/military-review/archives/english/militaryreview_20160228_art008.pdf > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

GIEDRAITIS, Aivaras. Private Military Companies in the Foreign and Security Policy of the Russian Federation in 2014–2019. **Lithuanian Annual Strategic Review**, 2020. Disponível em: < <https://journals.lka.lt/journal/lasr/article/603/info> > Acesso em: 16 de Set de 2023.

GODFREY, Richard; BREWIS, Jo; GROCOTT, Grady. The private military industry and neoliberal imperialism: Mapping the terrain. **SAGE**, Inglaterra, vol. 21, p.106-125, 2014. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1350508412470731> > Acesso em: 25 de Ago de 2023.

GOGA, Ramona Iona. Privatization of Security in The 20th Century. From Mercenaries to Private Military Corporations. **Studia Universitatis Babes-Bolya**, Romania, p. 251 -265, Jul. 2018. Disponível em: < https://www.proquest.com/openview/ee28cff708a1ec580061d1e29b6f91ec/1?pq-origsite=gsc_holar&cbl=40136 > Acesso em: 25 de Set de 2023.

GOOGLE. **Google Earth website**, 2024. Disponível em: < https://www.google.com/maps?sca_esv=ce68b03d4bb9be5f&rlz=1C1RXQR_pt-PTBR1083BR1084&output=search&q=cape+schmidt+mapa&source=lnms&entry=mc&ved=1t:200715&ictx=111 > Acesso em: 25 de Set de 2023.

HARRIS, Catherine; KAGAN, Frederick W. Russia's Military Posture: Ground Forces Order of Battle. **ISW**, mar, 2018. Disponível em: < <https://www.understandingwar.org/report/russias-military-posture> > Acesso em: 25 de Set de 2023.

HOFFMAN, Frank G. Conflict in the 21 century: the rise of Hybrid Wars. **Potmac Institute for Police Studies**, Virginia, p. 1- 72. 2007. Disponível em: < https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

HOFFMAN, Frank G. Hybrid Warfare and Challenges, **JFQ**, v.52. 2009. Disponível em: < <https://smallwarsjournal.com/documents/jfqhoffman.pdf> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

HOFFMAN, Frank. Hybrid vs. Compound Wars. **Armed Force Journal**, 2009. Disponível em: < <http://armedforcesjournal.com/hybrid-vs-compound-war> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

HOFFMAN, Frank G. Complex Irregular Warfare: The Next Revolution in Military Affairs. **Foreign Policy Research Institute**, [s.l], p. 395 - 411. 2006. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S003043870600041X> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

HUBER, Thomas. **Compound Warfare: That Fatal Knot**. Kansas: U.S. Army Command and General Staff College Press, 2002.

HUOVINEN, Petri. Hybrid Warfare - Just a Twist of Compound Warfare? Views on warfare from the United States Armed Forces perspective. National Defense University, 2011.

ISLAM, Azharul. The Valery Gerasimov Doctrine. **BIPSS**. [S.l], 2014. Disponível em: < <https://bipss.org.bd/pdf/The%20Valery%20Gerasimov%20Doctrine.pdf> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

KALDOR, Marry. New & Old Wars - Organised Violence in Global Era 1st ed. Cambridges: Polity Press, 2001.

KOFMAN, Michael; ROJANSKY, Matthew. A Closer look at Russia 's “Hybrid War”. **Kenan Cable**, Wilson Center, n. 7, abr, 2015. Disponível em: < <https://www.wilsoncenter.org/publication/kennan-cable-no7-closer-look-russias-hybrid-war> >. Acesso em: 25 de Jul de 2023.

KORYBKO, Andrew. **The law of hybrid war**: Eastern hemisphere. [s.n], 2017.

KOSIUK, Alona. The invisible hand of Russia. **The Kootneet**, nov.,2020. Disponível em: < <https://thekootneeti.in/2020/11/26/the-invisible-hand-of-russia/> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

KURYLEV, Konstantin P.; IVKINA, Natalia V. **The Ukrainian experience of using private military campaigns**. Moscow: RDU University, 2021.

MAKSAK, Hennadiy. Wagner as a Tool of Russia’s Geopolitical Strategy. **Ukrainian Prism**, 2023. Disponível em: < <https://prismua.org/en/english-wagner-as-a-tool-of-russias-geopolitical-strategy/> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

MARCUZZI, Stefano. “Fears of Trolls and Little Green Men. Does Hybrid Warfare Work, for Whom, and When?”. In: Presentation from the Max Weber International Workshop. **Anais**. [s.l]. 2018. Disponível em: < https://www.natofoundation.org/wp-content/uploads/2018/06/NDCF_StefanoMarcuzzi_Paper.pdf > Acesso em: 16 de Out de 2023.

MARTEN, Kimberly. Russia’s use of semi-state security forces: the case of the Wagner Group. Post Soviet Affairs, mar, 2019.

MCDC. Countering Hybrid Warfare: Conceptual Foundations and Implications for Defence Forces. **MCDC**, mar., 2019.

MASSICOT, Dara. Anticipating a new Military Doctrine in 2020: What it Might Contain and Why it Matters. **War On The Rocks**, set, 2019. Disponível em: < <https://warontherocks.com/2019/09/anticipating-a-new-russian-military-doctrine-in-2020-what-it-might-contain-and-why-it-matters/> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

McFATE, Sean. **The Modern Mercenary**: Private Armies and What They Mean for World Order. Oxford University Press: Inglaterra, 2014.

ONU. Resolution 68/262: Territorial Integrity of Ukraine. United Nations, 2014. Disponível em: < <https://documents.un.org/doc/undoc/gen/n13/455/17/pdf/n1345517.pdf?token=npW9ZuG5jjo8KaXVzF&fe=true> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

OTAN. Hybrid Warfare: New Threats, Complexity, and “Trust” as the Antidote. **Organização do Tratado do Atlântico Norte**, 2021. Disponível em: < <https://www.nato.int/docu/review/articles/2021/11/30/hybrid-warfare-new-threats-complexity-and-trust-as-the-antidote/index.html> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

PERVEZ, F. Blackwater: Can’t Stop, Won’t Stop. Foreign Policy In Focus, 2010. Disponível em: < https://ips-dc.org/blackwater_cant_stop_wont_stop/ > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

RAYCHEV, Yavor. Valery Gerasimov and Doctrine on Hybrid War. In: International Scientific Conference: Social Changes in The Global World, 5., 2018. **Anais**. [S.l], p. 846 - 861. Disponível em: < <https://js.ugd.edu.mk/index.php/scgw/article/view/2970/2636> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

REYNOLDS, Nathaniel. Are Russia’s Mercenaries: Patronage, Geopolitics, and the Wagner Group. **Carnegie Endowment for International Peace**, Jul, 2019.

RUMER, Eugene. The Primakov (Not Gerasimov) Doctrine in Action. **Carnegie**, Jul., 2019. Disponível em: < <https://carnegieendowment.org/2019/06/05/primakov-not-gerasimov-doctrine-in-action-pub-79254> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

RYAN, Alex; BRUSCINO, Thomas; COX, Dan G. Why Hybrid Warfare is Tactics Not Strategy: A rejoinder to “Future Threats and Strategic Thinking”. **Military Strategy Magazine**, 2012. Disponível em: < <https://www.militarystrategymagazine.com/article/why-hybrid-warfare-is-tactics-not-strategy-a-rejoinder-to-future-threats-and-strategic-thinking/> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

SCAHILL, Jeremy. Blackwater Founder Remains Free and Rich While His Former Employees Go Down On Murder Charges. **The Intercept**, 2014.

SCHLADOW, Nadia. The Problem with Hybrid Warfare. **War On The Rocks**, abr, 2015. Disponível em: < <https://warontherocks.com/2015/04/the-problem-with-hybrid-warfare/> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

SHANDRA, Alya; SEELEY, Bob. Countering Hybrid Warfare: Conceptual Foundations and Implications for Defence Forces. **MCDC**, Inglaterra, março, 2019. Disponível em: < https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/840513/20190401-MCDC_CHW_Information_note_-_Conceptual_Foundations.pdf > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

SINGER, P.W. **Corporate Warriors**: the rise of the privatized military industry. Cornell University Press: Nova York, 2003.

SIPRI. Weapons of mass destruction. **Stockholm International Peace Research Institute**, 2015. Disponível em: <
<https://www.sipri.org/research/armament-and-disarmament/weapons-mass-destruction> >
 Acesso em: 25 de Jul de 2023.

SNEGOVAYA, Maria. Putin's Information Warfare in Ukraine. **ISW**, set, 2015. Disponível em: <
<https://www.understandingwar.org/report/putins-information-warfare-ukraine-soviet-origins-russias-hybrid-warfare> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

STRONK, Paul. Implausible Deniability: Russia's Private Military Companies. **CARNEGIE**, Jun, 2020. Disponível em: <
<https://carnegieendowment.org/2020/06/02/implausible-deniability-russia-s-private-military-companies-pub-81954> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

SUTYAGIN, Igor. Russian Forces in Ukraine. **RUSI**, mar, 2015. Disponível em: <
<https://rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/russia-piles-pressure-ukraine> >
 Acesso em: 25 de Jul de 2023.

SUIÇA. Comitê Internacional da Cruz Vermelha. **The Montreux Document**: On pertinent international legal obligations and good practices for States related to operations of private military and security companies during armed conflict. Geneva: ICRC, 2009.

THE RUSSIAN FEDERATION. The Military Doctrine of The Russian Federation. The Russian Federation, 2021. Disponível em: < <https://rusemb.org.uk/press/2029> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

THE RUSSIAN FEDERATION. The Military Doctrine of The Russian Federation. The Russian Federation, 2014. Disponível em: < <https://rusemb.org.uk/press/2029> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

TRADOC - G2. Russia Private Military Companies: Their use and how to consider them in operations, competition, and conflict. **TRADOC -G2**, abril, 2020. Disponível em: <
<https://community.apan.org/wg/tradoc-g2/fmso/m/fmso-books/329271> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

TRAYNOR, Ian. Special Investigation: The Privatisation of War. The Guardian, 2019.

UNITED STATES ARMY SPECIAL OPERATIONS COMMAND. "Little Green Men": A Primer on Modern Russian Unconventional Warfare, Ukraine 2013–2014. **USASOC**, ago, 2016.

VENNE, Timothy Van Der. Old Wine, New Bottles: A Theoretical Analysis of Hybrid Warfare. **E-international Relation**, 2021. Disponível em: <
<https://www.e-ir.info/2021/11/30/old-wine-new-bottles-a-theoretical-analysis-of-hybrid-warfare/> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

WAR ON WANT. Mercenaries Unleashed - The Brave New World of Private Military and Security Companies. **War on Want**, 2016.

WARSAW INSTITUTE. Russian Contractors in The Service of The Kremlin. **Warsaw Institute**, set, 2019. Disponível em: < <https://warsawinstitute.org/russian-contractors-in-the-service-of-the-kremlin/> > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

WARSAW INSTITUTE. Putin's Invisible Army. **Warsaw Institute**, Jun, 2018. Disponível em: < <https://warsawinstitute.review/issue-2018/issue-22018/putins-invisible-army/> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

WILK, Andrej. Russian Military Intervention in Crimea. **OSW Centre for Eastern Studies**, mar, 2014. Disponível em: < <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2014-03-05/russian-military-intervention-crimera> > Acesso em: 16 de Out de 2023.

WILLIAMS, Michael; ABRAHAMSEN, Rita. Security Beyond the State: Global Security Assemblages in International Politics. **International Political Sociology**, Ottawa, n.7, p.3-7, 2009. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/227605964_Security_Beyond_the_State_Global_Security_Assemblages_in_International_Politics1 > Acesso em: 25 de Jul de 2023.

WILLIAMSON, Murray *et al.* **Hybrid Warfare Fighting Complex Opponents from the Ancient World to the Present**. Inglaterra: Cambridge, 2012.

WILLIAMSON, Steven C. From Fourth Generation Warfare to Hybrid War. **USAWC Strategy Research Project**, 2009. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/235112213_From_Fourth_Generation_Warfare_to_Hybrid_War > Acesso em: 25 de Jul de 2023.